



amílcar cabral

**organização
política**
textos selecionados

org. andrey santiago

Tradu 
Agindo

Amílcar Cabral

Organização Política Textos Selecionados

**Organização
Andrey Santiago**

Tradu 
Agindo

© TraduAgindo, 2023.

Textos originalmente publicados no site do TraduAgindo.

Todos os créditos reservados aos autores originais.

Edição e Revisão

Andrey Santiago

Diagramação e Capa

Andrey Santiago

Este livro atende às normas de acordo ortográfico em vigor desde janeiro de 2009.

1ª edição: abril de 2023
distribuição digital gratuita

TraduAgindo
traduagindo@gmail.com
www.tradugindo.com

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	05
<i>Os Insubstituíveis</i>	06
<i>Nem Toda a Gente é do Partido</i>	10
<i>O Nosso Partido e a Luta</i>	27
<i>Aplicar na Prática os Princípios do Partido - Centralismo Democrático, Crítica e Autocrítica</i>	44
<i>Homenagem à Lênin</i>	53
<i>Apêndice: Poema</i>	66

APRESENTAÇÃO

A presente coletânea de textos do revolucionário africano Amílcar Cabral, dirigente do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde - PAIGC, surge com o intuito de fornecer de maneira ampla e acessível escritos que tratam do tema da organização partidária e seus desafios, desde a compreensão dos conceitos fundamentais do marxismo-leninismo, até sua aplicação no cotidiano da militância política.

Em cada um dos textos escolhidos, Amílcar Cabral realiza um breve e profundo exame do sentido da organização política, ação coletiva que não envolve apenas a identidade revolucionária, mas a prática revolucionária.

Organizar-se politicamente demanda que militantes tenham responsabilidade, disciplina, camaradagem, criatividade e espírito de iniciativa, demanda também que combatam quaisquer desvios individualistas e oportunistas. Ao mesmo tempo estimula a coletividade, o pensamento crítico e fornece forças para as atividades desenvolvidas em qualquer âmbito.

É por meio da luta que militantes se formam – nas palavras de Ho Chi Minh é como “o ouro que se purifica ainda mais no longo contato com o fogo” – e se tornam quadros, pessoas que tem domínio político da linha de sua organização e conseguem formular intervenções para sua realidade.

E para a luta ser desenvolvida com êxito, é necessário que exista um instrumento organizativo com funcionamento adequado e profissional, rompendo com o amadorismo.

Esta coletânea surge com este propósito: avançar o desenvolvimento de instrumentos de organização para um grau elevado e estabelecer bases sólidas para mais vitórias nas lutas.

Tenha uma boa leitura, aproveite!

OS INSUBSTITUÍVEIS¹

Devemos evitar a obsessão de alguns camaradas de que tudo estará estragado, tudo irá acabar se eles deixarem a posição que estão. Ninguém é indispensável nesta luta; todos somos necessários, mas ninguém é indispensável. Se alguém precisar ir embora e acaba indo e então a luta fica paralisada, é porque essa luta era inútil. O único orgulho que temos hoje em dia, que eu tenho, é a certeza que, depois do trabalho que tivemos, se eu tivesse que ir embora, ser parado, morrer ou desaparecer, existiriam aqueles aqui no Partido que poderiam continuar a tarefa do Partido. Se isso não acontecesse, então que desastre; nós não teríamos conquistado nada. Uma pessoa que tiver enquanto conquista algo que somente ela pode dar prosseguimento não fez nada ainda. Uma conquista vale a pena, somente quando pode ser uma conquista de muitos, e se existem muitos que conseguem tomar essa conquista e sustentá-la, mesmo que um par de mãos seja levado embora.

Mas existem camaradas que tem obsessões que se eles tiverem que sair de sua posição, tudo estará arruinado. Essa é uma obsessão que temos que combater, que devemos dar um fim. Isso sem mencionar os casos de outros camaradas que pensam, que quando são transferidos, eles irão morrer, porque eles já estabeleceram todas as condições de trabalho em um local e são chamados para atuar em outro. Que cegueira! Como se a nossa terra fosse apenas o seu cantinho! Isso demonstra a falta de consciência de uma razão real, o objetivo e as características de nossa luta.

Devemos saber defender a verdade, dizer a verdade peran-

¹ Texto originalmente publicado no livro “*Unity and Struggle: Speeches and Writings of Amílcar Cabral*”, lançado em 1979. Tradução por Andrey Santiago.

te todos, sem medo, mesmo que a verdade implique algumas dificuldades. Devemos falar a verdade exata cara a cara.

Os militantes não devem temer nenhum trabalhador responsável na estrutura do nosso Partido. Quem tem medo ainda não entendeu ou é covarde por natureza. Nosso Partido deu a todos a mesma força para não ter medo de ninguém. Já dissemos que lutamos para acabar com o medo entre os nossos povos da Guiné e de Cabo Verde. Não devemos ter medo de ninguém. O mais humilde militante não deve ter medo de ninguém, nem do Secretário-geral, nem de ninguém. Ele deve mostrar o respeito correto, pois isso é uma questão de respeito próprio.

Os trabalhadores responsáveis não devem temer os militantes. Há trabalhadores responsáveis dos quais os militantes e combatentes temem. Os primeiros são chefes bárbaros de outra época, não são dirigentes ou trabalhadores responsáveis do PAIGC. Mas às vezes temem os militantes. Se ouvem militantes conversando, querem saber do que se trata, porque temem que os militantes lhes proporcionem dificuldades com a direção do Partido. Devemos acabar com isso.

A democracia revolucionária exige, com efeito, que trabalhadores e líderes responsáveis vivam entre o povo, para o povo, atrás do povo. Eles devem trabalhar para o Partido com a certeza de que estão trabalhando para o povo de nossa terra. E devemos lutar para que a todo custo o povo sinta que é ele quem tem o poder de nossa terra em suas mãos. Até agora, eles não sentiram muito isso. Nas áreas libertadas, alguns camaradas usurparam esse poder de nosso povo. Devemos entregá-lo nas mãos de nosso povo. Ainda estamos em guerra e ainda é um pouco difícil. Mas, à medida que avançamos, temos de entregar poder ao nosso povo para que tenham a certeza de que o poder é de fato deles.

Ninguém no Partido deve ter medo de perder o poder. Muitos países foram à ruína porque os governantes temiam perder a liderança. Não devemos ter medo de nada. Devemos

dizer a verdade francamente ao nosso povo, aos nossos militantes, aos nossos camaradas. Se eles não estiverem felizes e puderem, eles nos dispensarão; nos jogarão fora. Mas nenhum de nós deve ter medo de nada, não devemos esconder a verdade para preservar nossa posição. Isso seria uma traição aos interesses de nosso povo, de nossa terra e de todos aqueles que confiam em nós.

Não devemos enganar o povo com palavras bonitas, com falsas promessas. Devemos dizer a eles francamente as dificuldades. Numa reunião em Boo, por exemplo, a população me disse: “Mande-nos isto, aquilo. Queremos isso, aquilo, etc. na loja.” Eu respondi à população: ‘Não. Não podemos fazer isso e aquilo. O que estamos enviando já é um grande sacrifício. Se não ficar satisfeito, faça o que quiser, até saia do Partido, mas não estaremos enviando. Você deve se lembrar que você não é o único com necessidades. Outras pessoas em nossa terra também têm necessidades.’ Aproveitei a oportunidade de estar com nossos apoiadores para ensiná-los, para conscientizá-los, para não mentir ou enganá-los com falsas promessas. Todos eles entenderam.

Como já disse, devemos avançar constantemente para colocar o poder nas mãos de nosso povo, para fazer uma mudança profunda na vida de nosso povo, até mesmo para colocar todos os meios de defesa nas mãos de nosso povo, para que o nosso povo defenda a nossa revolução. Isso é o que a democracia revolucionária será de fato amanhã em nossa terra. Qualquer um que governa seu povo, mas teme o povo, está mal. Nunca devemos temer o povo.

No marco da democracia revolucionária, como já disse, devemos trazer à tona os melhores filhos e filhas de nossa terra. O pior e o inútil devem ser deixados para trás. Nossa tarefa é preparar nossa enxada, nosso arado, nosso martelo, com o qual vamos construir o futuro de nosso povo em liberdade, progresso e felicidade. Melhoremos constantemente o nosso Partido, pois quanto melhor for o nosso Partido, mais certeza

teremos de conseguir o que queremos para o nosso povo. Por isso devemos, como já dissemos, agir para que o nosso Partido pertença cada vez mais àqueles que o sabem fazer cada vez melhor.

NEM TODA A GENTE É DO PARTIDO²

Trabalho de Direção

Vamos ver outro princípio do nosso Partido que é o seguinte: A nossa luta é baseada fundamentalmente no trabalho do nosso Partido, o PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde).

Os camaradas sabem o que é a luta. Compreenderam já que a luta é condição normal de todas as realidades em movimento. Em tudo aquilo que se move, que existe, se quiserem, porque tudo o que existe está em movimento, há sempre uma luta. Há forças contrárias que agem umas contra outras. A cada força agindo num sentido corresponde uma outra força agindo em sentido contrário.

Tomemos por exemplo uma árvore. Para uma árvore crescer, viver, dar fruto, semente, ou outra árvore, é uma grande luta. Primeiro, para a sua raiz atravessar o solo e encontrar alimento no terreno, é uma luta grande entre a raiz e a resistência do terreno. Mas é preciso uma certa capacidade, uma certa força para extrair do solo molhado o alimento que entra na raiz da planta.

Depois de extrair o alimento, é preciso levá-lo para outras partes da planta. Sempre resistência contra resistência. Mas, além disso, há a resistência contra a chuva, contra as tempestades. E com uma desvantagem grande para a planta: é que a planta não pode sair do lugar onde está.

Tanto as plantas como os animais (e até mesmo um pedaço de pau ou de ferro) têm em si uma luta, podem até mesmo ter milhares de lutas. Mas a luta fundamental, por exemplo, é

² Texto originalmente publicado no livro “Unidade e Luta” de Amílcar Cabral, lançado em 1976. Transcrição por Andrey Santiago.

entre a capacidade de conservação e os estragos que o tempo causa nas coisas. O ferro enferruja-se, o pau apodrece, a marca do tempo fica sobre as coisas, desde o homem até à coisa mais insignificante.

Tudo isto traduz uma luta. Mas a luta é mais clara, evidente, quando uma coisa faz força sobre outra coisa, quando ela se trava entre duas coisas distintas.

A nossa luta é o resultado da pressão (ou opressão) que os colonialistas portugueses exercem sobre a nossa sociedade. Quem adquire uma certa consciência ou que foi testemunha de algum fato, ou que tem algum interesse em relação ao colonialismo português, pode adaptar a seguinte posição: fazer a sua própria luta ou não fazer luta nenhuma. Na nossa terra havia muita gente que lutava, tanto na Guiné como em Cabo Verde e às vezes até mesmo fazendo versos ou outra coisa qualquer, como sinal de luta. Fechar as janelas, as portas, o quarto e descompor os tugas: ele não ouve, mas é uma maneira de lutar. Em Canhabaque, uma mulher bijagó vem com a sua água para vender. O chefe de posto tuga diz-lhe: “um peso, não, cinco tostões” e dá-lhe os cinco tostões, mas ela derramou a água no chão — é uma maneira de lutar. Muitas vezes, a subserviência (ato de aceitar humilhações) é também uma forma de lutar. Mas outras formas de luta são as revoltas. Uma coisa, por exemplo, de que tive uma consciência e de que nunca me esqueço, passou-se em Angola, nas roças. Eu pensava que os contratados eram uns pobres diabos, que nunca se revoltavam; mas eles se revoltam, um a um, raras vezes se sente que se revoltam, mas cada um procura fazer a sua revolta. Uns fazem-se passar por doidos, saem com catanas e cortam todas as palmeiras novas plantadas pelos colonialistas. É uma maneira de lutar. Mas quando um, dois, três, quatro, se juntam, comungam nos seus interesses, podem fazer uma revolta. Quantas revoltas caladas na Guiné, que talvez ninguém tenha visto, quantas revoltas em Cabo Verde, em S. Vicente, S. Antão, Santiago: luta contra o colonialismo português.

Mas uma luta para poder avançar a sério, tem que ser organizada e só pode ser organizada a sério por uma direção de vanguarda. Fazer luta para libertar um povo, partindo do nada, como nós, pode-se comparar isso, por exemplo, com a luta que o homem travou com a distância. Um dos grandes problemas do homem, nos tempos antigos, era o seguinte: o homem era dominado pela distância, pelos rios, pelos mares. Queria deslocar-se, mas era difícil, não tinha meios para isso.

Um dia, talvez, um homem, sentado à beira dum rio, viu um tronco de árvore passar e, pela primeira vez, veio-lhe à ideia que talvez o homem pudesse ir em cima do tronco, no rio. Se isso aconteceu, foi o momento em que apareceu o primeiro barco, como conta a lenda. Mas o homem, para vencer a distância, para atravessar os rios, os mares e até depois para atravessar o ar, para vencer, para ganhar à distância, teve que criar meios. Meios pequenos no começo, fracos, a pouco e pouco foram-se desenvolvendo, utilizando todos os meios possíveis, correntes de água, ventos, correntes do mar, até começar a utilizar a energia que ele próprio descobriu, a energia a vapor, a energia elétrica e hoje a energia atômica. Vejam como a luta do homem contra a distância foi uma coisa extraordinária. A tal ponto que hoje, o homem que levava anos para dar a volta ao mundo já numa época de muito progresso, pode dar a volta ao mundo num satélite em 80 minutos e até em menos, se quiser. No livro de Júlio Verne foi em 80 dias, e ele era um visionário para o futuro, que fazia previsão para o futuro.

O Partido

Para lutar contra o colonialismo também é preciso meios. É preciso, em primeiro lugar, criar um instrumento para a luta. Esse instrumento é o nosso Partido. Os camaradas podem dizer que o Partido é um instrumento – base, o instrumento – mãe. Se quisermos, o meio principal que cria outros meios, ligados a ele. A raiz e o tronco, que dá outros ramos

para o desenvolvimento da nossa luta.

A primeira pergunta que podemos pôr é a seguinte: mas porque é que nós criamos um Partido, e outros criaram movimentos? Criaram-se movimentos, frentes, etc... Se vocês repararem bem, nós somos os únicos que criamos um Partido, uma organização com o nome de Partido. Houve talvez outros, mas nós somos um Partido, apesar de antes nunca ter havido um Partido na nossa terra. Não é por acaso, não é porque nós gostamos do nome Partido. É com um sentido claro, para hoje e para amanhã. É que, para nós, na nossa concepção, Partido é uma organização muito mais definida, muito mais clara.

Partido é todo aquele que toma parte numa dada ideia, numa dada coisa, num dado caminho.

Movimento é uma coisa muito vaga. O nosso Partido, talvez seja hoje, ainda, na realidade, um movimento, mas o nosso trabalho tem que ser transformá-lo em Partido cada dia mais. E desde o começo nós demos-lhe o nome de Partido para que todos entendam que temos ideias bem claras sobre o caminho que estamos a seguir, sobre aquilo que queremos. ao serviço da nossa terra e do nosso povo, na Guiné e Cabo Verde, ao serviço da África e da humanidade, na medida que possamos dar alguma contribuição.

Partido, porque nós entendemos que para dirigir um povo para a libertação e para o progresso é fundamentalmente preciso uma vanguarda, gente que mostra de fato que é a melhor e que é capaz de provar isso na prática. Durante a luta de libertação muita gente tenta enganar, mas pouco a pouco é preciso definir a sua posição claramente como pertencendo àquela vanguarda, ao conjunto daqueles que são os melhores filhos do nosso povo, na Guiné e Cabo Verde.

Sabemos que o nosso Partido foi criado na clandestinidade, não vos vou contar toda a história: está escrita em muitos livros, vocês podem ler, se os camaradas da Comissão Ideológica trabalharem bem. Mas foi criado na clandestinidade (escondido). No começo era de verdade um Partido, muito

pouca gente um Partido pequenino, mas gente com uma só cabeça e fiando profundamente naquela linha que nós traçamos, como alguém que teve na vida a oportunidade de traçar esse caminho. A pouco e pouco cresceu, cresceu, até que se transformou num movimento geral de libertação nacional. Mas movimento não como nome, mas como fato concreto da luta, como conjunto de gente em movimento contra o colonialismo português.

Objetivo

Mas nós, repito, somos um Partido. O nosso caso esclarece-se da seguinte maneira: Nós, que lutamos na Guiné e Cabo Verde contra o colonialismo português, somos todos um movimento de libertação nacional, toda a gente é “Partido”. Mas só entra de fato no Partido aquele que de verdade tem uma só ideia, um pensamento, que só quer uma coisa, e tem que ter um dado tipo de comportamento na sua vida privada e na sua vida social. Que ideia, que coisa, que comportamento? O nosso Partido é formado só por aquela gente que quer de fato o programa do nosso Partido.

Nós somos PAIGC. Guiné e Cabo Verde. Não há racismo, não há tribalismo, nós não lutamos só para termos bandeira, hino e ministros — talvez mesmo não tenhamos ministros na nossa terra.

Não nos vamos sentar no palácio do Governador, não é esse o nosso objetivo, tomar o palácio para pôr Cabral e outros. Nós lutamos para libertar o nosso povo, não só do colonialismo, mas de toda a espécie de exploração.

Não queremos que ninguém mais explore o nosso povo, nem brancos nem pretos, porque a exploração não são só os brancos que a fazem, há pretos que querem explorar ainda mais do que os brancos. Nós queremos que o nosso povo se levante, avance: e se queremos que o nosso povo se levante, não são só os homens, porque as mulheres também são o nosso povo. Aqueles que entenderam que a mulher tem direito

de avançar, de ter instrução, de ir à escola como qualquer ser humano, para fazer qualquer trabalho, como ela é capaz de fazer: aqueles que entenderam bem que um homem enquanto tiver três, quatro mulheres, nunca será um homem de verdade e que não há nenhum povo que possa avançar com homens com quatro mulheres: aqueles que entenderam bem que se o seu filho for fêmea não a pode vender, assim como não pode vender a mãe, que não é nenhuma escrava: quem entendeu que as crianças são os únicos seres a quem temos que dar privilégios na nossa terra, que são a flor da nossa vida, por causa delas nós fazemos todos os sacrifícios para elas viverem felizes: aqueles que fizeram bem os trabalhos designados pelo Partido, ao serviço do nosso povo, é que são membros do nosso Partido e têm que mandar na nossa terra.

Eu não mando porque sou engenheiro ou doutor, mas porque estou a trabalhar a sério, e ninguém que tem cursos é mais do que aqueles que não têm curso. E nenhuma posição é mais do que outra. Só é mais aquele que trabalha mais, que produz mais. Quem entendeu o programa do nosso Partido como deve ser, seja ele da Guiné ou de Cabo Verde, esse é que pode entrar no nosso Partido. Mas que esteja pronto a cada momento para dar a sua vida pela causa por que nós lutamos.

Mas enquanto uns entram no Partido, talvez outros saiam, não o sentem, mas saem. Porque? Porque ele não faz algumas de todas essas coisas, ou porque mostra que não as entende ou não quer entender. Por exemplo, há alguns ainda no nosso Partido que não concordam muito com essa unidade da Guiné e Cabo Verde, mas que estão a ver, uns de Cabo Verde, outros da Guiné, que não concordam muito. que ainda estão na dúvida, a ver no que dá. Esses estão enganados. talvez façam outro Partido, mas do nosso saem, saem de certeza.

Membros

Ponho o problema claro aos camaradas, sobre o nosso trabalho. No Partido, de verdade, só entra gente honesta, séria. E

sai todo aquele que é desonesto, todos aqueles que se aproveitaram do nosso Partido para servir os seus interesses pessoais. Hoje enganam-nos, mas amanhã saem de certeza.

Quem mente, sai, quem quer só servir a sua cabeça, para ter calças de tergal, com boas camisas, para abusar das nossas raparigas, ou quem anda a abusar do povo da nossa terra, esses saem.

Aqueles que não têm respeito pelo povo da nossa terra e fingem tê-lo diante da Direção, mas por trás, quando estão na sua área a mandar, tratam o povo como se fossem chefes de posto ou administradores colonialistas, esses saem. Aqueles que têm na sua cabeça que estão a lutar, a sacrificar-se nesta luta, para amanhã abusarem como os chefes de posto, esses saem. Chegou a hora de falarmos disso claramente. Porque há alguns camaradas que estão a sacrificar-se muito, mas com a ideia de que amanhã vão gozar, com bom automóvel, criados, várias mulheres, etc. Esses estão enganados. Não são do nosso Partido e vão ver isso de certeza.

O nosso Partido está aberto aos melhores filhos da nossa terra. Hoje, todos nós somos “Partido”, a pouco e pouco o núcleo de gente que é Partido define-se. Quem é Partido de fato, está ou entra naquele núcleo: quem não é Partido, sai.

Porque só podemos realizar de verdade o que queremos na nossa terra se formos um grupo de homens e mulheres fortes, capazes de não enganar os seus camaradas e de não mentir, capazes de olhar para os camaradas, olhos nos olhos, e capazes de crer que a juventude é que será dona da nossa terra amanhã, na Guiné e Cabo Verde.

Portanto, temos que cumprir o nosso dever o melhor possível, dar todas as possibilidades para avançarem. Quem tem ambições de chefia no nosso Partido, mais dia, menos dia, sai. Quem não aprendeu a respeitar o seu companheiro, ser humano, homem ou mulher, como deve ser, mais dia, menos dia, sai. Quem pensa que amanhã a nossa política vai estar ao serviço de uma ou outra nação estrangeira, sai, porque nós não

vamos ter disso. Lutamos pela independência.

Portanto, vocês veem que vai ser cada dia mais difícil ser-se membro do nosso Partido. Nesta vanguarda que nós criamos, esse instrumento que fizemos para construir a independência da nossa terra, como um homem constrói uma casa, tem que ser cada dia mais fino, mais afiado, mais perfeito e o nosso povo tem que faze-lo cada dia mais bonito.

É fundamental que os camaradas todos estudem o programa do Partido, sobretudo aqueles mais novos, que entendam bem, para se prepararem para ser de fato do Partido. E mais, para se engajarem cedo no Partido, porque nós vamos exigir cada dia mais a cada responsável o seu engajamento total no Partido. Não engajamento para a sua cabeça, não engajamento com Amílcar Cabral, ou com João ou N'bana ou Bacar, ou outro qualquer que é o seu chefe.

Com o Partido, com as ideias do Partido, com as forças vivas do Partido, que são as ideias do Partido.

Tem que dar provas de que tem na sua cabeça as ideias do Partido, ideias que o Partido pôs como devendo ser de cada um. Quem não fizer isso, está mal. Mas mais: mais tarde, antes de alguém ser membro do Partido tem que ser primeiro candidato ao Partido. Primeiro tem que dar provas de que merece de fato entrar no nosso Partido, para depois entrar. Tem que ser assim, porque nós queremos de fato servir o povo da nossa terra. Não queremos enganar-nos.

É fácil pôr toda a gente num Partido: uma criança nasce e logo põe-se o seu nome no Partido.

Para que serve isso? Então o que é o Partido? Num clube de futebol é preciso pagar cota, ir ao campo dar palmas e gritos. Como é que vamos permitir que toda a gente entre no Partido, meninos, homens, mulheres? Não. Na luta de libertação é bom, é preciso: toda a gente, vamos embora para a frente. Mas no meio de tudo isso vamos sabendo cada dia mais, quem é que é Partido de fato.

Temos que ser capazes de entrar numa sala como esta e

dizer: Este sim, este é Partido, e aquele e o outro, mas aquele ali, esse ainda não é Partido.

Tem que ser assim: só assim é que podemos servir o nosso povo. Se confundirmos toda a gente, estamos mal. E quem for de fato elemento do Partido, esse prova que quer melhorar-se cada dia mais, porque quem parar, morre. Muitos camaradas ainda não entenderam isso, vários camaradas aproveitam-se do Partido. Para eles, ser do Partido, ser dirigente do Partido é levar boa vida, para gozar e querem aproveitar depressa porque não acreditam no Partido, não acreditam no futuro.

Hoje mesmo é que querem gozar depressa roupa bonita, dinheiro no bolso, mandar com todo o abuso, fazer dos camaradas seus criados, além de outros abusos. Isso é candidatura para sair do Partido e há muitos que se não saem hoje saem amanhã, por mais trabalho que tenham feito, por mais ajuda que tenham dado. Ou arrepentam com o Partido, ou saem.

A melhor maneira é corrigirem-se, corrigirem-se depressa, porem-se na linha como deve ser: e nós temos feito todo o esforço para pôr os camaradas na linha para não terem de sair do Partido amanhã.

Alguns já ficaram pelo caminho porque foi impossível corrigirem-se e, como a nossa condição é muito triste, se alguém não se emenda, vira contra, vira traidor. Temos que combater isso passo a passo, com todo o cuidado necessário, para darmos a cada um a maior oportunidade possível de ser do Partido, mas também não podemos permitir que nos enganem, que finjam que são do Partido, quando não são nada do Partido.

Qualquer camarada que tenha dentro da sua cabeça a ideia de que a sua “raça” é que deve mandar na nossa terra, que se prepare porque haverá guerra com ele. Mas há ainda camaradas no Partido que ainda são incapazes de matar totalmente aquela ideia de “raça” que têm na cabeça.

Porque são ambiciosos, só porque são ambiciosos, querem ser eles os mandões máximos de tudo.

Gente como essa não é do Partido. No nosso Partido manda quem tem valor, quem mais pode mandar, quem deu provas concretas de que sabe mandar, e o nosso objetivo é só um: servir o povo.

Hoje é do Partido toda aquela gente da nossa terra que está disposta a acabar com o colonialismo português e disposta a seguir as palavras de ordem do Partido, a respeitar e a cumprir as ordens da Direção do nosso Partido. Esses são do Partido. Mas amanhã serão do Partido só aqueles que têm uma conduta moral exemplar, como homens dignos ou como mulheres dignas da nossa terra.

Hoje é do Partido toda aquela gente da nossa terra que está disposta a acabar com o colonialismo português e disposta a seguir as palavras de ordem do Partido, a respeitar e a cumprir as ordens da Direção do nosso Partido. Esses são do Partido. Mas amanhã serão do Partido só aqueles que têm uma conduta moral exemplar. como homens dignos ou como mulheres dignas da nossa terra.

Que trabalha e tem trabalho mesmo, porque os vadios não podem ser do nosso Partido, de maneira nenhuma. E que põe como sangue da sua vida, alma da sua alma, cumprir o programa do nosso Partido na nossa terra, combatendo seja quem for. Que programa do nosso Partido? Aquele que vocês conhecem, mas aquele que vão conhecendo cada dia mais. Esses é que serão amanhã do nosso Partido e, no meio desses, os donos de fato do Partido, são aqueles que serão capazes de transformar o Partido, cada dia, numa organização melhor, mais ainda ao serviço do nosso povo.

Mas o que é o Povo?

Muitos camaradas dizem: oh o meu povo! Muitos camaradas, quando cometem erros ou estão atrapalhados com as coisas do Partido, começam logo a falar do povo. Isso vai acabar aos poucos, mas temos que saber duma maneira bem clara o que é o povo.

A definição de povo depende do momento histórico que se vive na terra.

População é toda a gente, mas o povo já tem que ser considerado com relação à própria história.

Mas é preciso definir bem o que é o povo, em cada momento da vida de uma população. Hoje, na Guiné e em Cabo Verde, povo da Guiné ou povo de Cabo Verde, para nós, é aquela gente que quer correr com os colonialistas portugueses da nossa terra. Isso é que é povo, o resto não é da nossa terra nem que tenha nascido nela. Não é povo da nossa terra, é população. mas não é povo.

Hoje é isso que define povo da nossa terra. Povo da nossa terra é todo aquele que nasceu na nossa terra, ou na Guiné ou em Cabo Verde, que quer aquela coisa que corresponde à necessidade fundamental da história da nossa terra, que é o seguinte: acabar com a dominação estrangeira na nossa terra. Aqueles que estão prontos a trabalhar duro nisso, a pegar teso, são todos do nosso Partido. Portanto, a maior parte do nosso povo é o nosso Partido. E quem mais representa o nosso povo é a direção do nosso Partido. Que ninguém pense que lá porque nasceu no Pico da Antônia ou no fundo do Oio, é mais povo do que a direção do nosso Partido. O primeiro pedaço do povo da nossa terra, genuíno, verdadeiro, é a direção do nosso Partido, que defende os interesses do nosso povo e que foi capaz de criar todo este movimento para defender os interesses do nosso povo.

Vou tentar esclarecer ainda mais este problema:

Toda a gente da população da nossa terra que quer, neste momento, que os colonialistas portugueses saiam da nossa terra, para tomarmos a nossa liberdade e a nossa independência, esses são o nosso povo. Mas entre essa gente há alguns que pegaram no trabalho a sério, que lutam com armas nas mãos, ou no trabalho político ou na instrução ou em qualquer outro ramo, e que estão debaixo da direção do nosso Partido: esses são o nosso Partido. Se quiserem, a vanguarda do nosso povo

é o nosso Partido e o elemento principal do nosso povo, hoje em dia, é a direção do nosso Partido. Portanto, aqueles que têm amor pelo nosso povo, têm amor pela direção do nosso Partido. Quem ainda não entendeu isso, não entendeu nada.

Isso é nesta fase, neste momento. Mas daqui a algum tempo, quando tomarmos a nossa independência, por exemplo, quem quiser que a nossa terra seja independente, mas não quer que as mulheres sejam livres, e quiser continuar a explorar as mulheres da nossa terra, esse hoje é povo, mas amanhã já não será. Se nós queremos que todas as crianças da nossa terra sejam respeitadas e algum de entre nós não quiser isso, esse já será população, não será povo.

O nosso objetivo é fazer o progresso e a felicidade do nosso povo, mas nós não podemos fazer-lo contra o nosso povo. Ora, se alguns da nossa terra não querem isso, ou eles não são povo, e então nós podemos fazer tudo contra eles e talvez mesmo os punhamos na cadeia, ou então eles são muitos e representam o povo e, nessa altura, nós paramos: não podemos fazer nada, porque não se pode fazer a felicidade e o progresso de alguém contra a sua vontade.

Temos que entender bem, portanto, que em cada fase da história duma nação, duma terra, duma população, duma sociedade, o povo define-se consoante a linha mestra da história dessa sociedade, consoante os interesses máximos da maioria dessa sociedade.

O termo democracia foi criado na Grécia, em Atenas (Demo + Cracia = governo do povo). Mas quem foi que o criou? Em Atenas havia nobres. Senhores (donos da terra) e depois os escravos, que trabalhavam para todos os outros. A democracia para eles era só para os de cima, eles é que eram o povo, os outros eram escravos. Até hoje é a mesma coisa em muitos lados. Quem tem a força na mão, o poder, faz a democracia para ele. Nós, na nossa terra, queremos que a maioria tenha o poder nas mãos. Mas nós queremos o poder nas mãos do nosso povo. Aquele que segue o caminho reto, que quer

cada dia mais progresso e felicidade na nossa terra, progresso não só para os fulas, não só para mandingas, não só para filhos de cabo-verdianos, não só para balantas, progresso para todos, tanto na Guiné como em Cabo Verde — esse faz parte do nosso povo.

Partidos e Movimentos

Continuando ainda a falar do instrumento que o nosso povo criou para desenvolver a ação de alguns dos seus filhos para a luta pela libertação e o progresso na nossa terra, quero insistir no fato de que, desde o começo do nosso trabalho, tivemos sempre o sentimento e a certeza de que para libertar a nossa terra não era preciso criar muitos movimentos. Pelo contrário, era preciso fazer grande força para termos uma só organização de luta com ação na Guiné e em Cabo Verde.

Essa foi a linha que traçamos a partir da análise da nossa situação concreta, da nossa realidade, e a linha que defendemos duramente, através de vários anos, apesar de em certos momentos termos tido necessidade de recuar para termos a certeza se tínhamos ou não razão.

Ontem conversamos sobre as contradições da nossa sociedade e vimos que, no plano social propriamente dito, quer dizer, das camadas da sociedade, das classes, se quiserem, as contradições não são muito grandes, sobretudo na Guiné, sendo um bocadinho mais acentuadas em Cabo Verde, onde havia alguma gente com terra, com propriedade, e alguns donos de comércio e de pequenas indústrias. Mas chamei a atenção dos camaradas para o fato de que isso é pouco, não chega para formar uma classe propriamente dita, do ponto de vista quantitativo, quer dizer, numérico. Mas nós sentimos bem que, como influência de tempos passados e como resultado da divisão que o inimigo criou no nosso seio, havia contradições entre grupos étnicos, entre aquilo que nós chamamos « raças » na Guiné. E, claro, em Cabo Verde, entre, sobretudo, por um lado camponeses sem terra e, por outro, aqueles que têm

meios seguros para viver, incluindo os donos da terra.

A maior asneira que se podia fazer na nossa terra seria criar na Guiné partidos ou movimentos na base de etnias, o que era um meio bastante bom, não só para o inimigo nos dividir ainda mais, durante a luta, mas também para garantir a sua vitória: a destruição da nossa independência, depois da luta, como os camaradas têm visto em alguns países africanos. Em Cabo Verde, seria absurdo pensar em criar um Partido de gente que tem alguma coisa e um Partido de gente que não tem nada, para lutar contra o colonialismo português.

Na luta contra o colonialismo, é fundamental, é importante, é decisivo, juntar toda a gente que quer a independência, que quer lutar contra o colonialismo. Por isso mesmo, o nosso Partido, em 1959, quando surgiram em Bissau alguns pequenos grupos de nacionalistas, que não eram controlados por nós, os nossos camaradas, sobretudo o nosso camarada Aristides Pereira, Fortes, Luís e outros, fizeram o máximo para que aqueles pequenos grupos se integrassem no nosso Partido para evitarmos que a nossa força ficasse dispersa.

Vocês todos sabem que o Partido foi criado em 1956 e nessa altura já estávamos em 1959. Mais tarde surgiram pessoas da nossa terra a falar em frente, mesmo o Partido chegou a falar de frente, e alguns camaradas podem perguntar porque é que nós não fizemos uma frente na nossa terra.

Exatamente porque uma frente quer dizer união de várias organizações. Na nossa terra nós não conhecíamos mais nenhuma organização. Quando o nosso Partido entrou em contato com o exterior do país, a partir de 1960, sentiu que havia gente da nossa terra fora, quer da Guiné, quer de Cabo Verde, que tinha criado os chamados movimentos fora da terra. O nosso Partido teve que fazer uma concessão, teve que dar um passo atrás na sua ideia de só um Partido e nada de frente, para ver se juntava aquela gente, para lutar pela independência da Guiné e Cabo Verde. Por isso mesmo é que, por um lado, fizemos uma chamada Frente com o Movimento de li-

bertação da Guiné e Cabo Verde que estava em Conakry mas que os nossos próprios camaradas criaram já ligados ao PAIGC, e como Movimento de Libertação da Guiné e Cabo Verde que estava em Ziguinchor.

Poderei contar aos camaradas, mais tarde a história das coisas que se passaram em Conakry, mas a verdade é que, com grande barulho, com problemas levantados pelos nossos irmãos da Guiné e Cabo Verde no Senegal resolvemos lançar um apelo para a unidade de todos os Movimentos de Libertação da Guiné e Cabo Verde. O PAIGC chamou todos aqueles que diziam que eram movimentos para nos unirmos. Fizemos uma conferência em Dakar com o então Movimento de Libertação da Guiné e Cabo Verde, que estava em Dakar e que englobava tanto guineenses como cabo-verdianos, no qual estavam fulanos que vocês conhecem: não vale a pena torná-los importantes citando os seus nomes aqui. Para essa conferência também foi esse movimento de Ziguinchor e o Movimento de Libertação da Guiné e Cabo Verde que estava em Conakry, assim como o PAIGC representado por alguns dos seus membros. Tudo isso foi fundamentalmente uma concessão da nossa parte, uma tática, para vermos o que é que aquela gente queria de fato, qual era a sua intenção, até que ponto estavam engajados na luta a sério e se de fato queriam lutar ou se queriam apenas arranjar lugares. Praticamente, nós é que fizemos a conferência toda.

Levamos documentos bem preparados, e eles, encarregados de preparar a conferência, nem sequer tinham ainda feito o programa. A conferência foi feita de fato, com a assistência das autoridades senegalesas, com a assistência do camarada Marcelino dos Santos, representando a CONCP e de outras entidades.

O ponto de vista do nosso Partido foi defendido com força pelos seus representantes. apoiado pelos movimentos de libertação da Guiné e Cabo Verde de Conakry e Ziguinchor. Claro que o objetivo dos de Dakar não era fazer a unidade, era o

de acabar com o PAIGC: essa é que era a sua ideia e, quando viram que não era possível, aceitaram todas as resoluções apresentadas na Conferência. Mas logo a seguir começaram a sabotar. Claro que depois ficaram desmascarados como gente que não queria unidade, e que não queria unidade porque não queria lutar, que fingia falar em unidade mas que procurava apenas uma posição para poder fazer manobras para ganhar lugares e liquidar o nosso Partido.

Portanto, os camaradas veem que o Partido, embora tenha estabelecido como princípio da sua vida uma só organização, uma só bandeira e nada de confusões no estabelecimento desse movimento de libertação, foi capaz de fazer concessões, de recuar, para dar a toda a gente a possibilidade de manifestar claramente se queria ou não queria de fato lutar pela nossa independência. Quando o Partido chegou à conclusão de que afinal essa gente só dizia mentiras, só queria desonestidade e só andava à busca de lugares, só procurava criar confusão, servindo, assim, os colonialistas portugueses. o Partido resolveu o seguinte: nós não queremos mais unidade com ninguém, quem quiser unidade com o PAIGC, que venha dentro da terra fazer a unidade com o PAIGC. Foi essa a nossa posição e nós resistimos a todas as pressões que foram feitas sobre nós, porque tínhamos a certeza de estarmos no caminho certo e seguro.

Negação do Oportunismo

Outra coisa que queremos pôr claro na questão do nosso Partido, da nossa organização, é o seguinte: desde o primeiro dia (já falamos disso aos camaradas na questão dos princípios) nós negamos o oportunismo. Podíamos, por exemplo, tentar juntar ao nosso Partido certos homens com influência grande na Guiné, chamá-los para o Partido para nos podermos servir da sua influência, como alguns grandes de Bissau, ou alguns régulos — lembro-me de que vários régulos eram membros do Partido — mas nunca lhes dissemos que, eles é que vinham

mandar.

Houve régulos do chão dos Manjacos. por exemplo, ou do chão dos Mancanhas, que foram chamar outros, por causa da bandeira do Partido, houve chefes na área de Mansoa e outras áreas que foram presos por causa da bandeira do Partido mas nunca lhe dissemos que, como eram chefes da nossa população. também eram chefes do Partido. Negamos isso numa vez, porque não queríamos enganar ninguém. Numa organização nova, criada para libertar a nossa terra, são e serão dirigentes aqueles que estão em condições para isso, não porque ontem eram chefes.

Sentia-se, por exemplo, e sente se cada dia em várias áreas de África, quanto representa de atraso para o futuro, de dificuldades para amanhã, fazer oportunismo pondo os chefes tradicionais na direção numa organização de libertação nacional.

O NOSSO PARTIDO E A LUTA³

A nossa luta não é de boca, é luta de fato, temos que lutar mesmo. Os camaradas lembram-se de que, nos primeiros anos de 1960, muita gente se convenceu de que a luta consistia em falar na rádio. Houve grandes vitórias na rádio de Dacar ou de Conakry, mesmo contra o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde), mas não contra o colonialismo português, porque, contra os colonialistas, eles, os oportunistas, nunca fizeram nada. Velhos tempos em que as pessoas corriam para ver quem chegava primeiro para falar na rádio. Como se isso fosse a luta.

No nosso Partido nós consideramos sempre como fundamental e certo o seguinte: a luta não é conversa nem palavras, nem escrita nem falada; a luta é a ação de cada dia contra nós mesmos e contra o inimigo, ação que se transforma e cresce cada dia mais, até tomar todas as formas necessárias para correr com os colonialistas portugueses da nossa terra.

E essa luta, devemos fazê-la onde for necessário. Primeiro, dentro da nossa terra, porque o arroz cozinha-se dentro da caldeira, não é fora dela. Mas não devemos esquecer nunca que uma luta do gênero da nossa tem que se fazer também fora da nossa terra, tanto contra os inimigos, como junto dos amigos, para conseguir os meios necessários para a nossa luta e para criar todas as possibilidades para alimentar a luta dentro da nossa terra.

O fato de o PAIGC ter estabelecido como princípio de que a luta tem de ser feita de verdade, e que toda a gente tem que lutar, seja quem for, fez com que muita gente se afastasse do

³ Texto originalmente publicado no livro “Unidade e Luta” de Amílcar Cabral, lançado em 1976. Transcrição por Paulo Menezes.

Partido.

Porque algumas pessoas se aproximaram do PAIGC, ou chegaram mesmo a entrar no PAIGC, convencidas de que era para lutarem na rádio e para tomarem amanhã o lugar de ministro.

Quando sentiram que no PAIGC, para se estar na luta, tem que se estar ou dentro ou fora do país, conforme a direção decidir, alguns afastaram-se e foram até juntar-se de novo aos tugas, para gozarem um bocado dos restos do colonialismo. Essa é uma das razões principais por que, por exemplo, os oportunistas de Dacar combatem o nosso Partido! Alguns deles desejam imensamente entrar no nosso Partido, mas não têm coragem, porque sabem que o Partido pode dizer-lhes: “pega teso, vamos para dentro”. Mas eles o que desejam é sair de Dacar para irem diretamente para Bissau sentar-se na cadeira de diretor de gabinete.

Toda a gente tem que lutar, esta é outra certeza no quadro do nosso Partido. E pouco a pouco, no nosso Partido, chegamos a uma situação em que na nossa cabeça e na realidade não há nem dentro nem fora da terra, na nossa luta. No começo da luta houve alguns que se enchem de bazófitas, porque estavam dentro da terra. Outros, fora, tinham medo e não faziam muito, porque estavam fora. Quem, numa luta como a nossa, conservar essa ideia ou outros complexos, de vaidade ou de medo, porque está dentro ou está fora, não compreendeu nada da nossa luta.

Mas quem nunca saiu do mato e tenha aguentado sete anos de luta e não entendeu a importância do trabalho dos que trabalham fora da terra, para a luta dentro da terra, não entendeu nada ainda.

E quem está fora, sentado num Bureau ou em qualquer outro lado, e não entendeu ainda o valor daqueles que estão dentro da terra a dar tiros, a fazer trabalho político ou outro, e o valor desse mesmo trabalho, não entendeu ainda nada. O nosso Partido, sem falar muito, sem estar com conversa, che-

gou a esta posição: nós todos sabemos hoje que não há dentro nem fora, porque todos podem estar tanto dentro como fora da terra. Claro que não vamos confundir a terra dos outros — a República da Guiné ou Senegal, com a nossa terra, a Guiné e Cabo Verde. É dentro da panela que se coze o arroz, mas sabemos a importância que tem a lenha e tantas outras coisas necessárias para fazer cozer o arroz. Alguns camaradas do Partido pensavam que, pelo fato de entrarem ao mato para a luta, eram reis, e que podiam pôr os pés em cima de quem quer que fosse. Enganavam-se.

Hoje sabemos que não é verdade, não é assim. Desde o Congresso de Cassacá que se sabe que isso não é verdade. Se alguém entra no mato para comandar a guerrilha, para lutar, e se não seguir as palavras de ordem do Partido como deve ser, então que pegue teso porque vamos deixar os tugas, para primeiro combater contra ele. Mas alguns, no seu trabalho fora da terra, adquirem vícios pensando que eles não podem pôr os pés na lama, não podem ser mordidos pelos mosquitos, não podem passar aquilo que os combatentes, os nossos dirigentes, os nossos responsáveis estão a passar na nossa terra. Estão enganados! É gente que de fato não se engajou na luta a sério. Talvez estejamos enganados em fazer deles dirigentes do Partido, mas mais dia menos dia, saberão que não é assim.

O nosso Partido tem uma situação tal que ninguém está dentro nem fora, toda a gente está dentro ou está fora consoante as necessidades do Partido. E os dirigentes da luta e do Partido devem estar sempre a par de todas as coisas que se passam, fora ou dentro da nossa terra, respeitante ao tipo de trabalho que fazem no Partido. De há uns anos para cá, podemos dizer o seguinte: não há dirigente nosso, um responsável nosso, que não fez já missões fora da terra, e não há um dirigente nosso que não tenha trabalhado dentro da terra também.

Claro que há alguns militantes ou mesmo responsáveis que têm estado mais fora do que dentro, e que passam a vida a

pedir para ir dentro. É agradável ouvir isso, mas é preciso perguntar se o seu trabalho, a sua formação, exige que estejam dentro da terra ou fora. Isso que é importante, porque turismo faremos mais tarde. Também há gente no interior que pede para ir à Europa.

Mais tarde, se não conseguir ir, se não se lhe der uma missão para isso, quando tomarmos a nossa terra, se trabalhar bem, enche os bolsos de dinheiro e pode ir à Europa passear e voltar. Mas o movimento da nossa gente, ou fora ou dentro, faz-se de acordo com as necessidades da nossa luta. Isto é fundamental para nós. No meu caso de dirigente, tenho de responder pessoalmente às necessidades da nossa luta em conferências, nos encontros com chefes de Estado ou com dirigentes de outros Partidos no mundo, e isso representa para mim, como para outros camaradas que trabalham comigo, um trabalho decisivo na nossa luta. Mas uma força grande para mim também é a certeza de que não há uma operação importante na nossa guerra, ou trabalho político importante, que eu mesmo não conheça, não estude, e não há uma mudança ou trabalho sério no plano político ou da luta armada que não passe pelas minhas mãos.

Pena é que nós temos limitações de homem; infelizmente não posso estar em todo o lado ao mesmo tempo, mas tenho estado o maior tempo possível ao lado dos nossos combatentes e militantes.

Outros princípios ligados ao que acabo de referir diz que devemos lutar sem corridas, lutar por etapas, desenvolver a luta progressivamente, sem fazer grandes saltos.

Se repararem bem, veem que muitas lutas começaram por criar Bureau Político, Estado Maior, etc.; nós não começamos por isso. Muitas lutas começaram criando logo um exército de libertação nacional; nós não começamos por isso.

Nós começamos a nossa luta como quando se lança uma semente à terra, para nascer. Deita-se a semente, nasce uma planta pequenina, que cresce, cresce até dar flor e fruto: esse é

que é o caminho da nossa luta, etapa por etapa, passo a passo, progressivamente, sem saltos grandes. Aliás, cada etapa significa ao mesmo tempo maiores exigências no nosso trabalho, na nossa luta.

Alguns camaradas, mesmo entre os que estão sentados nesta sala, têm a tendência de procurar comodidade à medida que crescem as suas responsabilidades. Há camaradas que parece que passaram vários anos à espera de responsabilidade para poderem cometer os erros que outros cometeram no seu lugar. Temos que combater isso com coragem, porque a luta é exigência, o nosso Partido é cada dia mais exigente. E aqueles que não entenderem, temos que pô-los de lado, por mais que nos doa o coração. Nós não podemos permitir que à medida que a luta avança, que o nosso povo se sacrifica por causa da nossa luta, que vários camaradas morrem e outros são feridos, ou ficam aleijados, que nós envelhecemos nesta luta, dando toda a nossa vida para a luta, em que tanta gente tem esperança em nós, tanto dentro como fora da nossa terra — não podemos permitir que alguns camaradas militantes ou responsáveis levem uma vida de facilidades e cometam atos que não estão de acordo com a nossa responsabilidade, diante de nós mesmo, diante do nosso povo, diante da África e do mundo.

Muita gente pensa que isto aqui é o quintal do Cabral, que ele é que tem que reparar aquilo que se estragou ou que alguém estragou. Estão enganados. Cada um de nós é que tem que reparar, pegar força para corrigir, porque senão, não há nada que nos possa salvar, quaisquer que sejam as vitórias que já alcançamos. Por isso mesmo, a nossa luta é como o balaio que separa o arroz limpo do farelo, como uma peneira que peneira a farinha pilada, para separar a farinha fina da farinha de grão grosso ou de outras coisas. A luta une, mas é ela também que separa as pessoas, a luta é que mostra quem é que tem valor e quem é que não presta. Cada camarada deve estar vigilante em relação a si mesmo, porque a luta está a fazer a seleção, a luta está a revelar-nos a todos, está a mostrar quem

somos nós. Essa é uma das grandes vantagens do nosso povo em fazer a luta, sobretudo a luta armada, para se libertar.

Havia um homem grande, que aliás ainda está na luta, que há três anos me dizia: “Cabral, eu rezo todos os dias para Salazar não morrer.” — “E porquê, homem grande?” — “Para a luta continuar um bocado ainda, para ele continuar a teimar, para nós continuarmos, para nos conhecermos melhor uns aos outros.” Esta é uma grande verdade; hoje já nos conhecemos muito, hoje sabemos quem tem valor e quem não tem valor.

Fazemos força para aqueles que não prestam melhorarem, mas sabemos quem vale e quem não vale, sabemos até quem é capaz de mentir. Há alguns que ainda não conhecemos bem. Os camaradas também me conhecem, conhecem outros dirigentes do Partido que respeitamos muito, porque valem até ao fim, vocês sabem isso bem. Há outros de que alguns têm medo, porque sabem que só valem porque têm a força nas mãos. Alguns de vocês que estão aqui já viram dirigentes do Partido cometer erros graves, mas obedecem-lhes ainda porque têm medo deles.

Hoje, conhecemo-nos bem. Alguns de vocês viram responsáveis do Partido fazer mal a outras pessoas e sabem, na vossa consciência, que isso não é justo, mas calaram-se, esconderam isso. Mas ficaram convencidos de que esses não são bons dirigentes, não são bons responsáveis, fazem mal, agem contra a linha do Partido, e fazem-no com a certeza de que a direção do Partido, em conjunto, não tomará conhecimento.

Cada um de vocês que está aqui, que tem o seu responsável ou seu dirigente junto dele, tem a sua ideia concreta sobre esse homem ou essa mulher. A luta tem servido para nos conhecermos muito bem e isso é muito importante.

Alguns têm sido capazes de ser cada dia melhores, outros têm-se enterrado cada dia mais, apesar de toda a ajuda que temos procurado dar, para fazer avançar cada um, com a ca-

beça bem alta, ao serviço do Partido, para servir o nosso povo como deve ser.

Quer queiramos, quer não, a luta faz a seleção, a pouco e pouco uns passam na peneira, outros ficam, porque a nossa decisão firme, enquanto estamos cá como dirigente deste Partido, é a seguinte: para a frente só vão aqueles que de fato querem lutar a sério, aqueles que de fato entenderam que a luta vai por etapas e aqueles que de fato entenderam que a luta cada dia tem mais exigências, mais responsabilidades e que, portanto, estão dispostos a dar tudo sem exigir nada, a não ser respeito, dignidade, oportunidade para avançarem e servirem o nosso povo como deve ser.

Quero lembrar, por exemplo, que em relação à luta por etapas, muitos camaradas nossos pensavam que a luta avançava mais depressa, que entrávamos logo em Bissau. Não é assim, tem que ser por etapas, temos que estar preparados para uma luta longa. No ponto em que estamos já, a nossa independência pode ser para amanhã ou depois de amanhã, ou daqui a seis meses, porque os tugas estão desesperados na nossa terra e, se aguentarmos bem, eles estarão cada dia mais desesperados. Mas temos que ter o nosso espírito preparado para uma luta longa, temos que preparar gente nova para continuar, se for preciso.

E vocês, jovens que estão aqui, devem tomar sobre os vossos ombros as vossas responsabilidades e entender bem o seguinte: se esta luta acabar amanhã, devem estar prontos, como jovens, para assegurar o trabalho do nosso povo, para construir o progresso que o nosso Partido quer. Mas se durar mais dez anos, vocês, jovens que aqui estão, têm a obrigação de substituir os mais velhos que já não possam continuar, e têm a obrigação de preparar outros jovens, para se formarem a tempo, para poderem pegar na luta. Os vietnamitas dizem que eles ganham a guerra de certeza, porque se os americanos estão dispostos a lutar dez anos, eles estão dispostos a lutar dez anos e meio, se os americanos estão dispostos a lutar vinte

anos, eles estão dispostos a lutar vinte anos e meio. Isso é que é consciência dum povo, que conhece os seus direitos na sua terra, que a sua terra é sua e que tem de fato jovens e adultos que estão dispostos a servir o seu povo a sério.

É evidente que uma luta como a nossa, um Partido como o nosso, exigem uma direção segura, uma direção unida, uma direção consciente, e é a nossa própria realidade que cria essa consciência. Temos necessidade de consciência, porque, na medida em que o homem tem consciência de uma realidade, ele cria força para mudar essa realidade, para a transformar numa realidade melhor. E no quadro de uma luta como a nossa, dum Partido como o nosso, aqueles homens e mulheres mais conscientes, quer dizer, que têm uma ideia mais clara da nossa realidade e daquela realidade que o nosso Partido quer criar, é que devem passar à frente para dirigir, qualquer que seja a sua origem, donde quer que venham. Nós não vamos ver donde é que vêm, quem são, quem são os seus pais. Nós vemos apenas o seguinte: sabem quem somos nós, sabem o que é a nossa terra, o que é que o nosso Partido quer fazer na nossa terra? Querem fazer isso a sério, debaixo da bandeira do nosso Partido? Então passam à frente e dirigem. Quem mais tem consciência disso é que dirige. Podemos enganar-nos hoje, enganar-nos amanhã, mas a melhor prova da verdade é a realidade, a prática, que mostra quem tem valor e quem não tem.

Portanto, o nosso princípio é este: os melhores filhos da nossa terra é que devem dirigir o nosso Partido, o nosso povo. Isso quer dizer que de fato temos posto sempre os melhores? Alguns não prestam, mas é uma experiência grande que estamos a fazer ainda. A verdade é que temos dado sempre oportunidade para as pessoas melhorarem, temos dado a toda a gente no Partido oportunidade para avançar, para ser capaz de dirigir. Há camaradas sentados aqui que há três anos eram simples recrutas nos nossos campos de preparação militar, hoje eles são membros dos nossos Comitês Inter-regionais ou

dirigentes das nossas Forças Armadas. Isso mostra quanto o nosso Partido tem sido capaz de abrir um caminho largo para os nossos camaradas avançarem, para aqueles que são mais conscientes, que têm mais valor, dirigirem.

A nossa luta exige uma direção consciente e nós dissemos que os melhores filhos da nossa terra é que têm que dirigir. É difícil, logo de entrada, saber quem é melhor, mas segundo aquele princípio de que falamos no começo, confiar para poder confiar, conforme alguns vão mostrando a sua capacidade, nós vamos passando-os para diante e depois vamos ver se de fato são ou não os melhores, e se melhoram ou pioram.

A verdade é que ninguém pode dizer que neste Partido nem toda a gente tem oportunidade de poder mandar. Todos têm, todos têm o caminho aberto para avançarem e o nosso desejo foi sempre o seguinte: quanto maior número puder mandar, melhor, porque podemos escolher os melhores dos melhores para mandarem. E temos feito tudo para melhorar a formação dos camaradas, para pensarem mais os problemas, para mostrarem mais iniciativa, mais entusiasmo, mais dedicação, para avançarem. E temos feito o máximo para sermos justos, para fazer avançar aqueles que de fato merecem avançar pelo seu próprio trabalho, não pelas suas caras bonitas ou porque são capazes de ser criados de cada um.

Neste Partido temos evitado ao máximo tudo quanto seja submeter as pessoas umas às outras, fazer que uns sejam servidores de outros. Desde a primeira hora eu disse o seguinte: nós não queremos criados, não queremos servidores, não queremos rapazes para mandar neles. Nós queremos homens, camaradas conscientes, camaradas nossos, capazes de levantar a cabeça diante de nós, de discutir com respeito, como deve ser. Queremos homens e mulheres conscientes, de cabeça levantada, e temos lutado duro contra toda a tendência de dirigentes ou de responsáveis de fazer os rapazinhos andar atrás deles, de fazer outros responsáveis que estão debaixo das suas ordens como se fossem os seus meninos de recados. E também temos

combatido no próprio espírito dos camaradas a mania de deixar outros tomarem responsabilidades no seu lugar.

Claro que, tem havido alguma resistência a isso, particularmente, por exemplo: tem havido resistência surda, calada, por vezes, contra a presença de mulheres entre aqueles que mandam.

Alguns camaradas fazem o máximo para evitar que as mulheres mandem, embora por vezes haja mulheres que têm mais categoria para mandar do que eles. Infelizmente algumas das nossas camaradas mulheres não têm sabido manter respeito e aquela dignidade necessária para defender a sua posição como pessoas que estão a mandar. Não têm sabido fugir a certas tentações, ou pelo menos tomar certas responsabilidades sobre os seus ombros sem complexos. Há camaradas homens, alguns, que não querem entender que a liberdade para o nosso povo quer dizer liberdade também para as mulheres, a soberania para o nosso povo quer dizer que as mulheres também devem participar nisso, e que a força do nosso Partido vale mais na medida em que as nossas mulheres peguem nele força para mandarem também, com os homens.

Muita gente diz que Cabral está com as suas manias de pôr as mulheres a mandar também. “Deixa pôr, mas nós vamos sabotar por trás”. Isso é de gente que ainda não entendeu nada. Podem sabotar hoje, sabotar amanhã, mas qualquer dia ficam mal.

Outra resistência grande durante algum tempo no Partido foi a seguinte: nós éramos uns tantos dirigentes, mais ninguém podia ser dirigente. Vários camaradas nossos, bons combatentes, capazes, ficaram ignorados, tapados no caminho, porque alguns que mandavam não lhes deram nenhuma oportunidade para avançarem. Isso é matar o Partido, como se o estivessem a afogar.

Porque enquanto nós que estamos com mais idade, temos ar para respirar, vamos para diante, à medida que o ar nos vai faltando, não há ninguém para nos substituir. A força do

nosso Partido só existe de fato se nós, os dirigentes, formos capazes de abrir caminho para os jovens avançarem, jovens como vocês, outros jovens que estão ainda para trás, centenas, milhares, para tomar conta e fazer passar os melhores para a frente para mandar.

Nós, da direção do Partido e eu em particular, temos feito o máximo para apoiar todos aqueles que mostram vontade de trabalhar. A maior felicidade para mim é ver um camarada, homem ou mulher, cumprir o seu dever com consciência, com boa vontade, sem ser empurrado, como é necessário tantas vezes empurrar alguns para fazerem aquilo que têm para fazer. Isso encoraja-nos muito, dá-nos a certeza de que somos capazes de vencer, de fazer o que o nosso Partido quer. Toda a gente deste Partido sabe bem quanta amizade, quanta estima, quanto respeito, quanto carinho nós temos por aqueles que são capazes de cumprir o seu dever. Cada um que nós vemos a trabalhar com todo o entusiasmo, é como se fosse um pedaço de nós mesmos, um pedaço novo que é a garantia do futuro do nosso Partido e da vitória para o nosso povo. Por isso, o nosso trabalho tem sido fomentar, procurar desenvolver no espírito de cada um, dos mais novos, homens e mulheres, a vontade de pegar teso, de entender as coisas do Partido, de avançar para a sua frente. Esse é que deve ser o trabalho de cada dirigente, de cada responsável do nosso Partido.

Mas a tendência de alguns camaradas é a seguinte: um comissário político, por exemplo, vê um rapazinho bom militante; em vez de se ocupar dele para o ajudar, para ele entender mais, para avançar, em vez de o animar, não, faz dele o menino de recados, porque é esperto, sabe bem, vai rapidamente; se lhe der uma coisa para guardar, guarda bem; e, então, dá-lhe o seu saco de roupas, para ele guardar, em vez de fazer dele um valor para a nossa terra. Ou então: aparece uma rapariga, esperta, mais ou menos bonita, em vez de a ajudar, dar-lhe a mão para avançar, para ser enfermeira, ser professora, para ir estudar, para ser uma boa miliciana, ou qualquer outra coisa,

não, faz dela sua amante; porque é muito bonita e ele é que tem o direito de tomar conta dela. Temos de acabar com isso.

Nós, não queremos proibir que tenham criados, tenham bajudas ou tenham filhos, não é isso.

Temos é que parar de estragar o futuro do nosso Partido. Quem quer criado, tem que esperar até amanhã na nossa terra independente. Trabalha e, se tiver meios, arranja o seu criado, se houver gente que quer ser criado. Não deve aproveitar a autoridade do Partido, que o Partido lhe pôs nas mãos, para arranjar o seu criado. Quem quer bajudas, hoje ou amanhã, pode arranjá-la, conquistá-la, casar com ela, mas não utilizar a autoridade do Partido para ter tantas mulheres quantas deseje. Enquanto houver isso, estaremos a enganar-nos e a dar razão aos tugas e a todos os inimigos do nosso povo.

Temos que ter consciência disso. E vocês, jovens, militantes ou responsáveis do nosso Partido, têm que estar conscientes disso. O vosso trabalho não é buscar filhos hoje, é servir o Partido, levantar bem alto a bandeira do Partido, ajudar os filhos da nossa terra a levantarem-se, homens mulheres e raparigas da nossa terra, e não andar atrás de calças de tergal do Senegal ou de negócios para um lado e para o outro. Não é isso. Se fizerem isso, falham redondamente na vossa missão histórica que é a de ser responsável deste Partido, com a idade de vinte e poucos anos.

Alguns de vocês, que saíram da nossa terra, viram o respeito que o nosso Partido inspira, a consideração de que o nosso Partido é objeto, quanta esperança o nosso Partido tem posto na cabeça de outras gentes no mundo, mesmo em África. Os camaradas muitas vezes esquecem isso, no meio do mato esquecem-se completamente da sua responsabilidade, como dirigentes. Alguns têm procurado utilizar ao máximo a autoridade que o Partido lhes deu para servirem a sua barriga, os seus vícios, as suas conveniências. Isso tem que acabar. E são vocês mesmo que têm que acabar com isso, em todos os níveis.

Por isso mesmo, temos que ser vigilantes contra os oportunistas. Oportunistas não são só aqueles que estão no Senegal a tratar de fazer os seus pequenos movimentos. No nosso meio também há oportunistas, que sabendo que a nossa direção exige, para dirigir, os melhores filhos da nossa terra, podem fingir ser dos melhores, ou então procurar satisfazer os seus responsáveis ao máximo, para os responsáveis os proporem como dirigentes ou como responsáveis.

Temos que ter cuidado com isso, temos que os desmascarar, combater contra eles. Os camaradas têm que entender que só é bom dirigente, só é bom responsável, aquele que for capaz de contar cara-a-cara os erros que outros fazem. Muitos camaradas responsáveis, a qualquer nível, têm cometido o erro grave de esconder os erros dos outros: “nha boca câ sta la, se o Cabral descobrir está bem, se não descobrir, paciência”. Isso é destruir o trabalho, o sacrifício que ele mesmo está a fazer, porque está a compor por um lado e a estragar por outro. Temos que ter o cuidado de desmascarar todos os oportunistas no nosso meio, todos os mentirosos, todos os covardes, todo aquele que falta à linha do nosso Partido. Temos que ter coragem de tomar as nossas responsabilidades sobre os nossos ombros, cada um de nós, jovens responsáveis ou dirigentes do nosso Partido. Temos que ter coragem de nos olhar, olhos nos olhos, porque o nosso Partido só pode ser dirigido por homens ou mulheres que não baixam os olhos diante de ninguém.

Outro aspecto importante que temos que defender na direção do nosso Partido, já o dissemos claramente nas palavras de ordem publicadas, é que o nosso Partido é dirigido coletivamente, não é uma pessoa só que dirige. Em qualquer nível, na ação política ou nas Forças Armadas, na segurança ou na instrução; em qualquer lado, há sempre uma direção coletiva, a vários níveis.

Mas a tendência de alguns camaradas é de monopolizar a direção só para eles, eles é que decidem tudo, não consultam a

opinião de ninguém que está ao lado deles. Isso não pode ser, porque duas cabeças valem sempre mais do que uma cabeça, mesmo que uma seja esperta e a outra burra.

Sobre este assunto, os camaradas têm que levar a sério a conversa que tivemos sobre a direção coletiva (dirigir em grupo). Mas lembro aos camaradas que direção coletiva (dirigir em grupo), não quer dizer que toda a gente tem que mandar, que já não há autoridade nenhuma.

Alguns pensam: “se temos que mandar, então vamos mandar, nem que não saibamos mandar nada, só para fingir que toda a gente é que manda”. Isso é asneira. Há muito tempo que eu disse que, se não é preciso ser doutor para mandar no nosso Partido, não podemos esquecer que há certos trabalhos que quem não sabe ler nem escrever não pode fazer; senão, estamos a enganar-nos, e nós não temos nada que nos enganar. Há certos trabalhos que, conforme o nível de instrução, assim se podem ou não fazer. Além disso, temos que nos lembrar de que no Partido há uma hierarquia, quer dizer, uma escala de gente que manda e que é preciso respeitar, respeitar a sério, e nem sempre tem sido respeitado como deve ser.

Nas condições concretas da nossa luta, da nossa terra, diante das exigências da História do nosso povo, neste momento, o nosso Partido tem que ter chefes bem definidos, para toda a gente saber quem é, para não haver confusão nenhuma. Qualquer que seja o nível dos que estão a mandar, do Bureau Político ou de qualquer outro organismo, têm que ter na sua cabeça o seguinte: aqui há um chefe, que não tem necessidade de lembrar a ninguém que é chefe, que se confunde com toda a gente, que não tem a menor pretensão e assim é que deve ser o nosso chefe, que não se envaidece para mostrar a toda a gente que ele é que manda, mas que não se esquece em nenhum momento de que ele é que é o chefe; e quem não se lembrar, ele lembra-lhe.

A direção do nosso Partido é à força do nosso povo, ele é que é responsável por tudo quanto os nossos militantes, res-

ponsáveis, combatentes, etc., fazem. A nossa direção tem que ser uma só, unida, não podemos admitir no nosso seio nenhuma divisão e quem fala na direção superior do Partido, fala em direção em qualquer escala, seja no Comitê Inter-Regional, seja no Comitê da Zona do Partido; ninguém pode voltar às costas ao seu companheiro. Quem não entender isso, está a estragar.

Seja por exemplo na direção das Forças Armadas: vários casos se têm dado em que os comissários políticos não se entendem com os comandantes. Criminosos que não se entendem quando têm os tugas à frente para combater contra eles. Temos tido necessidade de mudar camaradas, porque estão com ambições, no puxa-puxa com os companheiros. Não podemos permitir isso mais. Chegou o momento de baixar de posto todos aqueles que não se entendem uns com os outros; não se transferem mais, baixa-se de posto, passam a simples soldados rasos ou a simples militantes. Porque já passou a hora de estar a ensinar aos camaradas que temos que nos entender uns com os outros, o nosso inimigo é o tuga colonialista e não outro qualquer.

Nesta sala mesmo há camaradas que trabalharam juntos e que não foram capazes de se dar bem uns com os outros. Pouca vergonha. E porquê? Porque andam a tratar da sua barriga, das suas ambições, em vez de servirem os interesses do Partido. Mentalidade de ambições, de manias. Em vez de dedicarem a sua atenção à luta, aos trabalhos do Partido, andam a ver quem tem mais coisas, quem tem menos coisas, conversinhas, intriguinhas... E, no fundo, falta de coragem, covardia ao fim e ao cabo.

Não pode ser; chegou à hora de pararmos com isso. No mato ou fora do mato, chegou à hora de cada um tomar o peso da sua consciência, de pôr de lado as manias, pegar duro no trabalho, para nunca se atrapalharem no caminho. E devemos lembrar aos camaradas das zonas, sobretudo os das zonas, a importância que tem a direção local para manter o povo com

entusiasmo. Não podemos permitir que um camarada que é Comissário Político numa área, durante um, dois, três anos, e chega ao fim sem ter autoridade, cada um faz o que quer, desconsiderando a sua direção.

Isso é o falhanço total de um camarada. E temos que notar que algumas direções locais, que trabalharam muito bem no começo, só começaram a agir mal, a cometer erros quando os dirigentes começaram a tratar da sua barriga, considerando a sua área já independente e começando a tratar da sua vida.

Há um filme de que eu nunca me esqueço, porque foi uma grande lição para mim. Era uma vez um rapazinho que foi educado num colégio qualquer de padres e que acreditava muito em milagres. Não conhecia nada da vida, porque fez a sua vida no colégio e saiu de lá homem, com vinte e um anos. Todas as injustiças que ele verificava, eram um mal; não entendia que havia dum lado a miséria, gente que sofre, e do outro os ricos. Mas ele conseguiu encontrar uma pomba que fazia milagres. E então, porque o seu pensamento estava ligado ao sofrimento dos outros, resolveu fazer tudo para ajudar os outros, para não haver fome, nem frio, para todos terem casas para morar, para cada um realizar os seus desejos; ele não pensou em si mesmo, mas pedia à pomba para fazer milagres para os outros. Então a pomba apareceu-lhe e sentou-se na sua mão.

Ele disse: — “pomba, dá casas para aqueles pobres,” — e apareceram as casas com tudo, dentro delas. “Dá comida àqueles famintos”, e aparecia a comida, boa comida. Chamava mesmo as pessoas para perguntar o que é que queriam, e dava. Até o dia em que arranhou a sua namorada e sentou-se com ela. A namorada pedia-lhe uma coisa e ele dava. Outra gente dizia que também queria, mas ele não tinha tempo, agora era só para a namorada.

Repentinamente a pomba voou, foi-se embora. Acabaram-se os milagres e tudo o que ele tinha feito como milagre tornou a desaparecer, mesmo ainda com a pomba na mão os milagres acabaram. Ele já não podia fazer nada pelos outros,

porque só pensava na sua bajuda, na sua barriga.

Esta é uma grande lição. Na medida em que somos capazes de pensar no nosso problema comum, nos problemas do nosso povo, da nossa gente, pondo no devido nível os nossos problemas pessoais e, se necessário, sacrificando os interesses pessoais, somos capazes de fazer milagres.

Assim devem ser todos os dirigentes, responsáveis e militantes do nosso grande Partido, ao serviço da liberdade e do progresso do nosso povo.

APLICAR NA PRÁTICA
OS PRINCÍPIOS DO PARTIDO
CENTRALISMO DEMOCRÁTICO,
CRÍTICA E AUTOCRÍTICA⁴

Na fase atual da nossa luta e para reforçar a nossa organização diante das grandes responsabilidades que tem, não basta pôr em funcionamento todos os organismos dirigentes do Partido, não basta fazer bom trabalho político e agir eficazmente, vitoriosamente, sobre o plano militar. Para que o Partido seja cada dia melhor e esteja à altura das suas responsabilidades, é indispensável aplicar em todos os escalões da nossa vida e da nossa luta os princípios de organização e de trabalho que o Partido adotou como normas fundamentais da sua ação. Tal é o caso do princípio da crítica e da autocrítica para resolver os problemas e contradições internas, do princípio da direção coletiva na direção da vida do Partido, do princípio do centralismo democrático e da democracia revolucionária nas decisões a tomar em todos os níveis e na prática das palavras de ordem do Partido.

1. Desenvolver o espírito da crítica entre os militantes e responsáveis. Dar a todos, em cada nível, a oportunidade de criticar, de dar a sua opinião sobre o trabalho e o comportamento ou a ação dos outros. Aceitar a crítica, donde quer que ela venha, como uma contribuição para melhorar o trabalho

⁴ Texto originalmente publicado no livro “A Prática Revolucionária. Unidade e Luta II” de Amílcar Cabral, lançado em 1977. Transcrição por Andrey Santiago.

do Partido, como uma manifestação de interesse ativo pela vida interna da nossa organização.

Lembrar-se sempre que criticar não é dizer mal nem fazer intrigas. Criticar é e deve ser o ato de exprimir uma opinião franca, aberta, diante dos interessados, com base nos fatos e com espírito de justiça, para apreciar o pensamento e a ação dos outros, com o objetivo de melhorar esse pensamento e essa ação. Criticar é construir, ajudar a construir, fazer prova de interesse sincero pelo trabalho dos outros, pela melhoria desse trabalho.

Combater severamente a má língua, a mania das intrigas, o “diz-que-diz”, as críticas injustas e sem fundamento. Apreçar o pensamento e a ação de um camarada não é necessariamente dizer mal. Dizer bem, elogiar, encorajar, estimular – também é criticar. Sempre vigilantes contra as vaidades e orgulhos pessoais, devemos, no entanto, não poupar elogios a quem os merece. Elogiar com alegria, com franqueza, diante dos outros, todo aquele cujo pensamento e ação servem bem o progresso do Partido. Devemos igualmente aplicar uma crítica justa, denunciar francamente, censurar, condenar e exigir a condenação de todos aqueles que praticam atos contrários ao progresso e aos interesses do Partido; combater cara a cara os erros e faltas, ajudar os outros a melhorar o seu trabalho. Tirar lição de cada erro que cometemos ou que os outros cometem, para evitar cometer novos erros, para não cairmos nas asneiras em que os outros já caíram. Criticar um camarada não quer dizer pôr-se contra o camarada, fazer um sacrifício em que o camarada é a vítima: é mostrar-lhe que estamos todos interessados no seu trabalho, que somos um e um só corpo, que os erros dele prejudicam a nós todos, e que estamos vigilantes, como amigos e camaradas, para ajudá-lo a vencer as suas deficiências e a contribuir cada vez mais para que o Partido seja cada vez melhor.

Desenvolver o princípio da crítica em todas as reuniões do Partido, em todos os Comitês e no seio das forças armadas.

Na guerrilha ou no exército, depois de cada operação contra o inimigo, devemos apreciar os resultados dessa ação e o comportamento de cada combatente. Tirar todas as lições dessa ação para fazer novas e melhores ações. No ensino, na produção, na atividade comercial, na assistência — em todos os ramos da nossa vida e da nossa luta — devemos ser capazes de criticar e de aceitar as críticas. Mas a crítica (prova de vontade dos outros de nos ajudar ou da nossa vontade de ajudar os outros) deve ser completada pela autocrítica (prova da nossa própria vontade de nos ajudarmos a nós mesmos a melhorar o nosso pensamento e a nossa ação).

Desenvolver em todos os militantes, responsáveis e combatentes, o espírito de autocrítica: a capacidade de cada um fazer uma análise concreta do seu próprio trabalho, de distinguir nele o que está bem do que está mal, de reconhecer os seus próprios erros e de descobrir as causas e as consequências desses erros. Fazer uma autocrítica não é apenas dizer “sim, reconheço a minha falta, o meu erro e peço perdão”, ficando logo pronto para cometer novas faltas, novos erros. Não é fingir-se arrependido do mal que fez, e ficar, no fundo, convencido de que os outros é que não o compreendem. Nem tão pouco fazer autocrítica é fazer uma cerimônia para depois poder ficar com a consciência tranquila e continuar a cometer erros. Autocriticar-se não é pagar um responso ou uma bula, nem é fazer penitência. A autocrítica é um ato de franqueza, de coragem, de camaradagem e de consciência das nossas responsabilidades, uma prova da nossa vontade de cumprir e de cumprir bem, uma manifestação da nossa determinação de ser cada dia melhor e dar uma melhor contribuição para o progresso do nosso Partido. Uma autocrítica sincera, não exige necessariamente uma absolvição: é um compromisso que fazemos com a nossa consciência para não cometermos mais erros; é aceitar as nossas responsabilidades diante dos outros e mobilizar todas as nossas capacidades para fazer mais e melhor. Autocriticar-se é reconstruir-se a si mesmo, para melhor servir.

2. Aplicar progressivamente em todos os níveis da direção do Partido o princípio da direção coletiva. Fazer tudo para que os órgãos dirigentes do Partido passem a funcionar realmente, não na base de uma, duas ou três pessoas, mas de todos os seus membros, homens e mulheres.

Direção coletiva quer dizer direção, mando ou comando feito por um grupo de pessoas e não uma só pessoa ou por algumas pessoas do grupo. Dirigir coletivamente, em grupo, é estudar os problemas em conjunto, para encontrar a sua melhor solução, é tomar decisões em conjunto, é aproveitar a experiência a inteligência de cada um, de todos para melhor dirigir, mandar, comandar. Na direção coletiva, cada pessoa do grupo dirigente deve ter funções próprias, bem definidas e é responsável pela execução das decisões tomadas pelo grupo em relação às suas funções. Dirigir coletivamente é dar a cada dirigente a oportunidade de pensar e de agir, exigir que tome as responsabilidades da sua competência, que tenha iniciativa, que manifeste com determinação e liberdade a sua capacidade criadora, que sirva bem o trabalho da equipa, que é o produto de esforços e das contribuições de todos. Dirigir coletivamente é coordenar o pensamento e a ação dos que formam o grupo, para tirar deles o melhor rendimento no cumprimento das tarefas do grupo, dentro dos limites da sua competência e no quadro das atividades e dos interesses da organização. Mas dirigir coletivamente não é nem pode ser, como alguns supõem, dar a todos e a cada um o direito de opinião e de iniciativas não controladas, criar a anarquia (falta de governo), a desordem, a contradição entre dirigentes, a discussão vazia, mania das reuniões sem resultados; nem tão pouco é dar largas à incompetência, à ignorância, ao atrevimento intelectual, só para se fingir que todos mandam. Se é verdade que duas cabeças valem mais do que uma, temos de saber distinguir as cabeças e cada cabeça deve saber exatamente o que tem de fazer. No quadro da direção coletiva, devemos respeitar a opinião dos camaradas que têm mais experiência, aprender

com a experiência desses camaradas que, por seu lado, devem ajudar os outros, os menos experientes, a aprender e a melhorar o seu trabalho. No quadro da direção coletiva há sempre um ou outro camarada que tem mais categoria como responsável do Partido e que, por isso, tem mais responsabilidade individual, mesmo se a responsabilidade das tarefas do grupo couber a todos os membros do grupo. Temos de prestigiar esses camaradas, ajudá-los a terem cada dia mais categoria, mas não permitir que açambarquem (tomem conta) o trabalho e a responsabilidade do grupo. Devemos, por outro lado, lutar contra o espírito de comodismo, e desinteresse, o medo das responsabilidades, a tendência para concordar com tudo, para obedecer cegamente, sem pensar.

Combater o espírito de régulo, de chefe tradicional, patrão ou de capataz entre os responsáveis. Mas combater também o espírito de vassalo, de súdito ao serviço do chefe, de empregado zeloso, de criado ou de “boy”, entre os responsáveis e militantes. No quadro da direção coletiva, os órgãos superiores do Partido devem exigir aos que estão abaixo deles o cumprimento rigoroso do seu dever na base da colaboração consciente e construtiva. Os órgãos menos elevados devem exigir aos mais elevados que deem tarefas concretas a cumprir, palavras de ordem claras e tomem decisões sobre os problemas da sua competência.

Combater o espírito de grupo e de grupinhos, os círculos fechados, a mania do segredo entre algumas pessoas, as questões pessoais e a ambição do mando.

A direção coletiva deve reforçar a capacidade de direção do Partido e criar condições concretas para valorizar os membros do Partido.

3. Desenvolver, respeitar, e fazer respeitar, na prática das decisões e no cumprimento das palavras de ordem do Partido, a aplicação correta do centralismo democrático. Limitar concretamente as funções de cada órgão dirigente e dos organismos de base, estudar profundamente cada problema ou cada

iniciativa nova, tomar decisões objetivas e dar palavras de ordem claras para cada tarefa e a realização prática das palavras de ordem do Partido.

Centralismo democrático quer dizer que o poder de decisão, de dar palavras de ordem, de estabelecer tarefas – de dirigir – está concentrado em órgãos ou entidades centrais, com funções bem definidas, mas que essas decisões, palavras de ordem, etc., devem ser tomadas democraticamente, com base nos interesses e na opinião dos representantes das massas, com base no respeito pela opinião e pelos interesses da maioria. Quer dizer que cada decisão relativa a um problema novo deve ser tomada depois de uma ampla e livre discussão por parte dos órgãos nela interessados ou da base ao topo, se se trata de assunto que interessa a toda a vida do Partido. Depois dessa discussão e de acordo com os dados dela resultantes, os órgãos centrais tomam uma decisão, a qual deve passar imediatamente a ser cumprida em todos os níveis a que interesse, e sem mais discussões.

Centralismo, porque o poder, a capacidade de decidir e de dirigir está concentrado em órgãos especiais e nenhum outro órgão ou indivíduo pode usar desse poder. Democrático porque o uso do poder por esses órgãos não depende apenas da vontade dos que mandam, mas baseia-se nos interesses e na opinião expressa pela maioria. Para praticar cada vez melhor o centralismo democrático devemos estar atentos às aspirações e à opinião das massas populares no que respeita a cada problema importante da nossa vida e a nossa luta, devemos fazer funcionar todos os organismos de base do Partido e todos os órgãos dirigentes, devemos desenvolver a crítica e a autocritica e prestigiar cada dia os responsáveis e dirigentes que cumprem o seu dever. O centralismo democrático é uma escola de disciplina, de respeito pela opinião dos outros, de democracia e de capacidade de levar à prática as decisões tomadas.

4. Praticar, em todos os aspectos da vida do Partido, a democracia revolucionária. Cada responsável deve assumir com

coragem as suas responsabilidades, deve exigir dos outros o respeito pela sua atividade e deve respeitar a atividade dos outros. Não esconder nada às massas populares, não mentir, combater a mentira, não disfarçar as dificuldades, os erros e insucessos, não acreditar em vitórias fáceis, nem nas aparências.

A democracia revolucionária exige que devemos combater o oportunismo, a tolerância diante dos erros, as desculpas sem fundamento, as amizades e a camaradagem com base em interesses contrários aos do Partido e do povo, a mania de que um ou outro responsável, é insubstituível no seu posto. Praticar e defender a verdade, sempre a verdade diante dos militantes, dos responsáveis, do povo, sejam quais forem as dificuldades que o conhecimento da verdade possa criar. A democracia revolucionária exige que o militante não tenha medo do responsável, que o responsável não tenha receio do militante nem medo das massas populares. Exige que o responsável viva no meio do povo, à frente do povo e atrás do povo, que trabalhe para o Partido ao serviço do povo.

No quadro da democracia revolucionária, o poder vem do povo, da maioria, e ninguém deve ter medo de perder o poder. O dirigente deve ser o intérprete fiel da vontade e das aspirações da maioria revolucionária, e, não, o dono do poder, o senhor absoluto que se serve do Partido e não serve o Partido. No quadro da democracia revolucionária, devemos evitar a demagogia, as promessas que não podemos cumprir, a exploração dos sentimentos do povo e das ambições dos oportunistas. Devemos agir de acordo com as realidades, dar a cada um a possibilidade de progredir, de verificar, pela sua ação e pela dos outros, que o Partido, é obra de nós todos e que todos pertencemos ao Partido que é o instrumento que o nosso povo criou para a conquista da sua liberdade e para a construção do seu progresso. No quadro da democracia revolucionária e nas condições concretas da nossa luta, devemos aumentar cada vez mais a força do povo, avançar com coragem para a con-

quista do poder pelo povo, para a transformação radical (na base) da vida do nosso povo, para uma etapa em que as armas e os meios de defesa da nossa revolução estarão inteiramente nas mãos do povo. Não ter medo do povo e levar o povo a participar em todas as decisões que lhe dizem respeito – esta é a condição fundamental da democracia revolucionária, que temos de realizar a pouco e pouco, de acordo com o desenvolvimento da nossa luta e da nossa vida.

A democracia revolucionária exige que estejam à frente do nosso Partido e do nosso povo os melhores filhos da nossa terra. Temos de eliminar, passo a passo os maus elementos do nosso Partido, os ambiciosos, os oportunistas, os demagogos (enganadores do povo), os desonestos, os que não cumprem o seu dever. Para abrir caminho cada vez mais àqueles que compreendem e vivem inteiramente a vida do nosso Partido, aos que desejam na realidade servir o Partido e o povo, aos que cumprem e querem cumprir cada vez mais e melhor os seus deveres de militantes, de responsáveis e de revolucionários. A aplicação correta dos princípios da crítica e autocrítica, da direção coletiva, do centralismo democrático e da democracia revolucionária, é o meio eficaz para obtermos uma das mais importantes, se não a mais importante vitória da nossa vida e da nossa luta, a saber:

Fazer com que o nosso Partido pertença cada dia mais àqueles que são capazes de torná-lo cada vez melhor.

Fazer do nosso Partido um instrumento eficaz para a construção da liberdade, da paz, do progresso e da felicidade do nosso povo, na Guiné e em Cabo Verde.

HOMENAGEM À LÊNIN

UMA LUZ FECUNDA ILUMINA

O CAMINHO DA LUTA⁵

O valor e o caráter transcendente do pensamento e da obra humana, política, científica, cultural — histórica — de Vladimir Ilitch Lênin são há muito já um fato universalmente reconhecido. Mesmo os mais ferozes adversários das suas ideias tiveram de reconhecer em Lênin um revolucionário conseqüente, que soube dedicar-se totalmente à causa da revolução e fazê-la, um filósofo e um sábio cuja grandeza só é comparável à dos maiores pensadores da humanidade.

Atualmente, não é raro ouvir políticos — mesmo os mais anti-socialistas — citarem Lênin ou gabar-se de ter lido as suas obras. É evidente que não podemos acreditá-los à letra, mas isso dá bem a medida da importância (mesmo da necessidade) do pensamento de Lênin e da vastidão das conseqüências práticas da sua ação no contexto histórico atual.

Para os movimentos de libertação nacional, cuja tarefa é fazer a revolução, modificando radicalmente, pelas vias mais adequadas, a situação econômica, política, social e cultural dos seus povos, o pensamento e a ação de Lênin têm um interesse especial.

Mas Lênin não deixou apenas a sua obra. Foi e continua a ser um exemplo vivo de combatente pela causa da humanidade, pela libertação econômica e portanto nacional, social e cultural do homem. A sua vida e o seu comportamento como personalidade humana contêm lições e exemplos úteis para

⁵ Texto originalmente publicado no livro “Unidade e Luta” de Amílcar Cabral, lançado em 1976. Transcrição por Paulo Menezes.

todos os combatentes da libertação nacional. Entre essas lições, as que nos parecem ser da maior acuidade para os movimentos de libertação referem-se ao comportamento moral, à ação política, à estratégia e à prática revolucionárias.

No âmbito geral do movimento de libertação nacional, especialmente em condições como as nossas, o comportamento moral do combatente, em particular dos dirigentes, é um fator primordial que pode influenciar significativamente o êxito ou o fracasso do movimento. É evidente que a luta é essencialmente política, mas as circunstâncias políticas, econômicas e sociais — históricas —, em que se estrutura e desenvolve o movimento, conferem aos problemas de natureza moral uma particular importância, devido principalmente às fraquezas próprias do movimento nacional de libertação nas colônias, ao oportunismo ou às possibilidades de oportunismo que o caracterizam, às pressões e manhas utilizadas pelo inimigo imperialista, assim como à dificuldade, mesmo a impossibilidade de um controle do movimento e dos seus chefes pelas massas populares nacionalistas.

No movimento de libertação, como em qualquer outro empreendimento humano — e sejam quais forem os fatores materiais e sociais que condicionem a sua evolução —, o homem (a sua mentalidade, o seu comportamento) é o elemento essencial e determinante.

Lênin foi um exemplo de coerência consigo mesmo e de coerência entre as palavras e os atos. Soube, através de toda a evolução característica da sua personalidade, permanecer igual a si mesmo na verticalidade das suas opções e dos seus atos. Estes sempre corresponderam às suas palavras, pois soube rejeitar o verbalismo fácil, a adulação e a demagogia. Lênin foi um exemplo de honestidade, de probidade, de sinceridade e de coragem. Sempre colocou acima de todas as suas conveniências a necessidade de observar rigorosamente os deveres da moral e da justiça, recusar a mentira e praticar a verdade, sejam quais forem as consequências ou os problemas que pos-

sa criar.

Como um ser humano integral, soube amar e odiar. Amar a causa da libertação do homem de qualquer espécie de opressão, a aventura maravilhosa que é a vida humana, tudo o que há de belo e construtivo no planeta. Odiar os inimigos do progresso e da felicidade do homem, o inimigo de classe, os oportunistas, a covardia, a mentira, todos os fatores de aviltamento da consciência social e moral do homem. Sempre considerou o homem como o valor supremo do Universo. A sua dedicação às crianças tornou-se lendária pois, para ele, esses seres delicados e tantas vezes incompreendidos, vítimas inocentes da exploração do homem pelo homem, são as flores da humanidade, a esperança e a certeza do triunfo de uma vida de justiça.

A luta de libertação nacional é, como já dissemos, uma luta política que pode revestir diversas formas, de acordo com as circunstâncias específicas em que se desenvolve. No nosso caso concreto, esgotamos todos os meios pacíficos ao nosso alcance para levar os colonialistas portugueses a uma modificação radical da sua política no sentido da libertação e do progresso do nosso povo.

Só encontramos repressão e crimes. Decidimos então pegar em armas para nos batermos contra a tentativa de genocídio do nosso povo, decidido a ser livre e senhor do seu próprio destino.

O fato de travarmos uma luta armada de libertação em nada modifica o caráter essencialmente político do nosso combate. Pelo contrário, acentua-o. Ora, não há, não pode haver ação política, seja qual for a sua forma, sem princípios bem definidos, quer sejam bons ou maus.

No plano político, Lênin foi um exemplo de fidelidade aos princípios. Soube fazer concessões sobre a forma de reivindicações, de axés, mas nunca sobre os princípios, principalmente quando se tratava de defender os interesses da classe e da nação que representava, assim como na prática consequente

de um internacionalismo desprovido de reservas, de timidez ou de condicionalismos. É igualmente uma lição de realismo, de noção clara da possibilidade e da oportunidade política, que encontra a sua expressão máxima na decisão de desencadear a insurreição de Outubro de 1917, apesar das enormes dificuldades para vencer as hesitações e as oposições mais ou menos fundamentadas.

Uma lição de firmeza na via determinada para conduzir a ação política, ilustrada pelo combate sem tréguas que moveu a todos os desvios “de direita” ou “de esquerda” e que tantos inimigos lhe criou.

Ultrapassando a concepção vulgar, segundo a qual a política é a arte do possível, Lênin demonstrou que é antes a arte de transformar o que é aparentemente impossível em possível (tornar possível o impossível), rejeitando categoricamente o oportunismo. Assim definida, a ação política implica uma criatividade permanente. Para ela, como para a arte, criar não é inventar.

A ação de Lênin é caracterizada por uma grande flexibilidade construtiva. Em cada problema, em cada fato da luta, mesmo no mais negativo, soube discernir o lado positivo para dele extrair todas as vantagens e fazer avançar a luta.

Nesse âmbito, como noutros, demonstrou uma perseverança a toda a prova

Ele, que considerava que «os fatos são teimosos», era teimoso como os fatos. Confiando na opinião dos outros, apesar disso, certo de que todo o combatente tem necessidade dos outros, sempre soube mudar de opinião quando a razão — a verdade científica — não estava do seu lado.

Crítico rigoroso, mesmo violento, tanto dos seus adversários como dos seus companheiros de luta caídos em erro, Lênin soube praticar exemplarmente a autocrítica. Sabia reconhecer os seus erros e elogiar o valor dos outros, mesmo dos seus mais ferozes adversários; mas soube usar de uma severidade sem limites para atacar os que considerava como inimi-

gos de classe e da revolução.

Lênin sempre demonstrou uma confiança sem limites na capacidade das massas, mas soube no entanto demonstrar claramente que estas nunca devem agir com anarquia, sem um plano bem concebido, correspondendo às possibilidades concretas de ação. Para ele, as massas nunca devem ser acéfalas.

No âmbito geral do movimento de libertação nacional, tal como em qualquer confrontação, pacífica ou não, há a necessidade vital de descobrir as leis gerais da luta e agir com base num plano geral concebido e elaborado a partir da realidade concreta do meio e dos fatores em presença. Isto quer dizer que qualquer movimento de libertação necessita de uma estratégia.

Na elaboração dessa estratégia é preciso ser capaz de distinguir o essencial do secundário, o permanente do temporário. Sem nunca confundir estratégia e tática, a ação deve basear-se numa concepção científica da realidade, seja qual for a influência dos fatores subjetivos que é necessário enfrentar.

Também nesse plano Lênin deu uma lição muito útil aos movimentos de libertação e aos combatentes da liberdade. Tinha uma nítida consciência do valor da unidade como meio necessário para a luta, mas não como um fim em si. Para Lênin, não se trata de unir todos em torno da mesma causa, por mais justa que ela seja, de realizar a unidade absoluta, de unirse não importa com quem.

A unidade, como qualquer outra realidade, está sujeita às transformações quantitativas, positivas ou negativas. A questão é descobrir qual é o grau de unidade suficiente que pode permitir o desencadear e garantir o avanço vitorioso da luta. E, posteriormente, preservar essa unidade contra todos os fatores de dissolução ou divisão, tanto internos como externos.

Por outro lado, Lênin tinha uma consciência profunda da necessidade de conhecer o melhor possível, na luta, as forças e as fraquezas do inimigo, tal como as nossas próprias forças e fraquezas. A concepção leninista da estratégia implica que

devemos agir no sentido de aumentar as fraquezas do inimigo e transformar as suas forças em fraquezas e, simultaneamente, preservar e reforçar as nossas forças e eliminar as nossas fraquezas ou transformá-las em forças. Isto é possível pela aliança permanente e dinâmica entre a teoria e a prática.

A vida de Lênin é a aplicação consequente desta máxima dialética de Paul Langevin: o pensamento deriva da ação e, no homem consciente, deve regressar à ação. Isso implica que, como Lênin demonstrou através de toda a sua vida, a ação deve basear-se na análise concreta de cada situação concreta. De acordo com Lênin, tanto na luta como em qualquer outro fenómeno em movimento, as transformações qualitativas só se operam a partir de determinado nível de modificações quantitativas, o que significa que o processo da luta evolui por etapas, por fases bem definidas. Nessa base e nesta perspectiva devem ser estabelecidas as táticas a seguir, que são incompatíveis mesmo com os recuos que, em determinados momentos, podem ser o único meio de fazer progredir a luta. Qualquer luta é experiência nova, seja qual for a soma de conhecimentos teóricos ou de experiências práticas que lhe dizem respeito.

Qualquer luta implica, portanto, um determinado grau de empirismo, mas não é necessário inventar o que já o foi: é sim preciso criar nas condições concretas em que a luta se trava.

Ainda neste ponto a lição de Lênin é pertinente: ele detestava tanto o empirismo cego como os dogmas. A assimilação crítica (dos conhecimentos ou das experiências dos outros) é tão válida para a vida como para a luta. O pensamento dos outros, filosófico ou científico — por mais lúcido que seja —, é apenas uma base que permite pensar e agir, portanto, criar. Para criar na luta é necessário conduzi-la, desenvolver todos os esforços e aceitar os sacrifícios necessários. A luta não é feita de palavras mas de ação cotidiana, organizada e disciplinada, de todos os elementos válidos. A atividade múltipla desenvolvida por Lênin no decurso de uma longa luta é um exemplo de continuidade e consequência, de esforços e sacri-

fícios, assim como da capacidade para mobilizar as forças necessárias no tempo e no espaço necessários.

Demonstrando que, numa luta, as dificuldades subjetivas são as mais difíceis de ultrapassar, Lênin tinha consciência desta realidade: a luta é feita de êxitos e fracassos, de vitórias e derrotas, mas avança sempre e as suas fases, mesmo as mais idênticas, nunca se repetem, pois a luta é um processo e não um acidente, uma corrida de fundo e não de velocidade: as derrotas eventuais não podem justificar nem a desmoralização nem a desistência, porque mesmo os insucessos podem ser uma base de partida para novos êxitos.

Essa ultrapassagem só é possível se extrairmos uma lição de cada erro, de cada experiência positiva ou negativa e partindo do princípio de que, se é certo que a teoria sem prática é uma perda de tempo, não há prática consequente sem teoria.

Principal artífice da grande Revolução de Outubro, que modificou o destino não apenas do povo russo mas da humanidade; criador do primeiro Estado socialista; dirigente supremo da Revolução nas antigas colônias czaristas; teórico e prático conhecedor na solução do delicado problema que representava a questão nacional no país dos soviets; militante catalisador do movimento operário internacional — Lênin marcou o século e o futuro do homem com a sua personalidade de revolucionário, legando às gerações que lhe sucederam uma obra tão singular como cheia de lições. Para os movimentos de libertação, Lênin forneceu mais esta valiosa contribuição: demonstrou, definitivamente, que os povos oprimidos podem libertar-se e ultrapassar todos os obstáculos para a construção de uma vida de justiça, de dignidade e de progresso.

É desejável que, independentemente das suas tendências ou opções políticas, os autênticos movimentos de libertação possam beber nas lições e no exemplo de Lênin a inspiração necessária para o seu pensamento, para a sua ação e para o comportamento moral e intelectual dos seus dirigentes. No

interesse geral da luta contra o imperialismo e se tivermos em consideração algumas contradições que caracterizam as atuais relações entre as outras forças anti-imperialistas e mesmo alguns aspectos da sua ação, não seria justo nem, talvez, objetivo limitar esse desejo unicamente aos movimentos de libertação.

Acontece hoje com a doutrina de Lênin o que já se verificou mais de uma vez na história com as doutrinas dos pensadores revolucionários e dos chefes de classes ou nações oprimidas em luta pela sua libertação. Durante a vida dos grandes revolucionários, as classes opressoras recompensam-nos com incessantes perseguições: acolhem as suas doutrinas com um furor selvagem, com um ódio tenaz, com as mais intensas campanhas de mentiras e calúnias.

Depois da sua morte, tentam fazer deles ícones inofensivos, canonizam-nos, por assim dizer, rodeando o seu nome com uma certa auréola a fim de «consolidar» as classes ou as nações oprimidas e de as mistificar; fazendo-o, esvaziam a doutrina revolucionária do seu conteúdo, depreciam-na e destroem-lhe a força revolucionária.

É nessa forma de “arranjar” o leninismo que hoje coincidem a burguesia e os oportunistas, tanto do movimento operário como do movimento de libertação nacional. Esquecem, amordaçam, alteram o lado revolucionário da doutrina, a sua alma revolucionária. Colocam em primeiro plano e exaltam o que é ou parece ser aceitável, mesmo conveniente, para a burguesia e para o imperialismo.

O leitor deve já ter notado que o que acaba de ler é a paráfrase de parte de uma lapidar afirmação de Lênin referente a Marx. Modificamos os nomes e adaptamos o discurso à realidade essencial da história dos nossos dias: a luta de vida ou de morte contra o imperialismo. Temos de admitir que o discurso se adapta perfeitamente ao próprio Lênin, em especial quando consideramos o que ele escreveu sobre o imperialismo e a luta contra o domínio imperialista.

Sem ter a pretensão ou a audácia de querer restabelecer a

doutrina de Lênin acerca do movimento de libertação nacional, gostaríamos, no entanto, de evocar determinados aspectos que nos parecem importantes —, principalmente para os que lutam pela libertação e o progresso dos seus povos.

Lênin demonstrou de forma muito clara que o movimento de libertação nacional, que adquiriu força desde o começo do século, não é um fato novo na história. Em todos os continentes, em épocas mais ou menos recuadas, houve, não apenas luta de libertação tribal ou étnica, mas também movimento de luta de libertação nacional. Os povos da antiga Indochina e de outras regiões da Ásia; do México, da Bolívia e de outros países do continente americano; da Grécia, dos Balcãs em geral, mesmo de Portugal, na Europa; do Egito, da África Oriental e da África Ocidental — para só citar estes — tiveram, no passado, a sua experiência de luta de libertação nacional.

Esses movimentos sofreram vitórias ou derrotas, mas existem e deixaram vestígios indeléveis nos povos que afetaram, no âmbito das coordenadas históricas das sociedades em questão, numa determinada etapa da evolução econômica e política da humanidade.

Não há no entanto lugar para confusões. Lênin demonstrou que o império romano, por exemplo, não é a mesma realidade histórica que o império britânico, embora ambos tenham em comum o que parece ser, até agora, uma necessidade ou uma constante nas relações entre as sociedades humanas: a tentativa ou o êxito do domínio político e da exploração econômica de certos povos ou nações por Estados estrangeiros ou, o que vem a dar no mesmo, por classes dirigentes estrangeiras.

É evidente que Carlos Magno não foi nem podia ser César ou Átila, mas é ainda mais evidente que qualquer chefe de Estado imperialista não é, nem pode ser, o Gana do império africano que tem o seu nome, nem um imperador da família dos Ming, nem um Cortez, conquistador das Américas, nem o czar das Rússias.

Da mesma maneira e pelas mesmas razões, os bancos e os

monopólios imperialistas não são as antigas associações dos comerciantes de Veneza ou a Liga Hanseática.

Lênin demonstrou que a luta de libertação contra o domínio de uma aristocracia militar (tribal ou étnica), contra o domínio feudal e mesmo contra o domínio capitalista estrangeiro do tempo do capitalismo de livre concorrência não é a mesma realidade histórica que a luta de libertação nacional contra o imperialismo, contra o domínio econômico e político dos monopólios, do capitalismo financeiro, atuando sob a forma do colonialismo, do neocolonialismo. Tomou-se e deve ser evidente para todos hoje que o aparecimento do imperialismo operou uma transformação profunda e irreversível no movimento de libertação nacional, definindo-se este como a resistência natural e necessária ao domínio imperialista.

Definindo as características internas e externas do imperialismo — estado supremo do capitalismo, resultado da concentração do capital financeiro em algumas empresas de uma meia dúzia de países, domínio insaciável dos monopólios—, Lênin caracterizou simultaneamente as transformações irreversíveis operadas no conteúdo e na forma do movimento de libertação nacional, do qual previu, cientificamente, a linha geral de evolução.

Cabe a Lênin o mérito de ter revelado, e mesmo previsto, as realidades essenciais da luta dos nossos dias, pois foi até ao fundo na análise do fato imperialista e da luta geral contra o imperialismo.

Na sua crítica genial, Lênin esclareceu o caráter essencialmente econômico do imperialismo, estudou as suas características internas e externas e as suas implicações econômicas, políticas e sociais, tanto dentro como fora do mundo capitalista. Pôs em relevo as forças e as fraquezas dessa nova realidade que é o imperialismo (quase da sua idade), que abriu novas perspectivas à evolução da humanidade.

Situando geograficamente o fenômeno imperialista no interior de uma parte bem definida do mundo; distinguindo o

fator econômico das suas implicações políticas ou político-sociais, sem esquecer as relações de dependência dinâmica entre esses dois aspectos de um mesmo fenômeno; e caracterizando as relações do imperialismo com o resto do mundo, Lênin situou objetivamente tanto o imperialismo como a luta de libertação nacional nas suas verdadeiras coordenadas históricas. Estabeleceu assim, de forma definitiva, a diferença e as ligações fundamentais entre o imperialismo e o domínio imperialista.

A análise de Lênin revela-se desta forma como um encorajamento realista e uma arma poderosa para o desenvolvimento ulterior e multilateral do movimento nacional libertador. É necessário, no entanto, notar que esta análise vai ainda mais longe na contribuição que fornece à evolução desse mesmo movimento.

Com efeito, se podemos dizer que Marx, principalmente na sua obra principal — O Capital —, procedeu à anatomia ou à anatomia patológica do capitalismo, a obra de Lênin referente ao imperialismo pode ser considerada como a pré-autópsia do capitalismo moribundo. Não é exagerado afirmar que, para ele, a partir do momento em que o domínio econômico e político do capital financeiro (os monopólios) se consolidou em alguns países e se concretizou no exterior desses países pelo movimento de partilha do mundo, especialmente em África, com o monopólio das colônias — o capitalismo, tal como se definira anteriormente, transformou-se num corpo em putrefação.

Um estudo, mesmo superficial, da história econômica contemporânea dos principais países capitalistas (talvez mesmo dos menos importantes), revela que a luta tenaz entre o capital financeiro (representado pelos monopólios e os bancos) e o capital de livre concorrência se salda geralmente pela vitória do primeiro, isto é, do imperialismo.

Temos pois de verificar que Lênin tinha razão: o capitalismo criou o imperialismo e criou simultaneamente os elemen-

tos propícios à sua destruição.

O imperialismo matou e continua a matar o capitalismo. Com efeito, as transformações profundas realizadas nas relações de forças no âmbito da livre concorrência levaram aos monopólios, à acumulação gigantesca do capital financeiro privado no interior de certos países e, como consequência disso, ao domínio político destes pelos monopólios, o que os transformou em países imperialistas. Esta nova situação está na origem de uma confrontação permanente, aberta ou não, «pacífica» ou não, entre os países imperialistas que procuram novos equilíbrios na relação de forças, em função do grau relativo de desenvolvimento das forças produtivas e da necessidade crescente tanto de obter matérias-primas como de conquistar mercados, isto é, da realização insaciável de mais-valia ou de rendimento para o capital financeiro.

Com base numa análise tão lúcida e realista, era normal que Lênin extraísse conclusões importantes para o desenvolvimento ulterior da luta contra o imperialismo.

Entre essas conclusões, estas parecem-nos extremamente ricas em consequências:

– A acumulação desenfreada do capital financeiro e a vitória dos monopólios como fase última da apropriação privada dos meios de produção — com o agravamento da contradição entre essa apropriação e o carácter social do trabalho produtivo — criaram as condições propícias à revolução, que progressivamente acabará com o regime capitalista, atualmente representado pelo imperialismo.

– É possível, necessário e urgente fazer a revolução, se não em vários países, pelo menos num, principalmente no momento em que a agressividade característica do imperialismo se manifesta numa guerra entre os países capitalistas para uma nova partilha do mundo (Primeira Guerra Mundial).

– A criação de um Estado socialista desferirá um golpe decisivo no imperialismo e abrirá novas perspectivas ao desen-

volvimento do movimento operário internacional e do movimento de libertação nacional.

– É possível uma nova confrontação armada entre os Estados imperialistas-capitalistas, pois a hipótese do ultra-imperialismo ou superimperialismo, que resolveria as contradições entre os Estados imperialistas “é tão utópica como a da ultra-agricultura”. Essa confrontação enfraquecerá inevitavelmente o imperialismo (Segunda Guerra Mundial). Se criarem assim condições mais favoráveis para o desenvolvimento das forças cujo destino histórico é destruir o imperialismo: instalação do poder socialista em novos países, reforço do movimento operário internacional e do movimento de libertação nacional.

– Os povos oprimidos da África, da Ásia e da América Latina são necessariamente chamados a desempenhar um papel decisivo na luta pela liquidação do sistema imperialista mundial, de que são as principais vítimas.

Estas conclusões de Lênin, explícita ou implicitamente contidas na sua obra consagrada ao imperialismo e confirmadas pelos atos da história contemporânea, são mais uma notável contribuição para o pensamento e para a ação do movimento de libertação.

Sendo marxista ou não, leninista ou não, é difícil a alguém não reconhecer a validade, mesmo o carácter genial da análise e das conclusões de Lênin, que se revelam de um alcance histórico imenso, iluminando com uma claridade fecunda o caminho quantas vezes espinhoso e mesmo sombrio dos povos que se batem pela sua libertação total do domínio imperialista.

POEMA⁶

Quem é que não se lembra
Daquele grito que parecia trovão?!
– É que ontem
Soltei meu grito de revolta.
Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais longínquos
da Terra,
Atravessou os mares e os oceanos,
Transpôs os Himalaias de todo o Mundo,
Não respeitou fronteiras
E fez vibrar meu peito...

Meu grito de revolta fez vibrar os peitos de todos os Ho-
mens,
Confraternizou todos os Homens
E transformou a Vida...

... Ah! O meu grito de revolta que percorreu o Mundo,
Que não transpôs o Mundo,
O Mundo que sou eu!

Ah! O meu grito de revolta que feneceu lá longe,
Muito longe,
Na minha garganta!

Na garganta de todos os Homens

6 Amílcar Cabral em “Emergência da poesia em Amílcar Cabral” (30 poemas) [recolhidos e organizados por Oswaldo Osório], lançado em 1983. Transcrição por Andrey Santiago.

Publicado digitalmente em abril de
2023, este livrio foi composto em
Minion Pro, corpo 11/16.